



Redacção e Administração:

Rua D. Diogo Pinheiro, 25
Telefone 82431 BARCELOS

Fundado em 1911 por Rogério Calás de Carvalho

SEMÁRIO REGIONALISTA

POR PORTUGAL — POR BARCELOS

ASSINATURAS:
Ano, 35\$00; Semestre, 20\$00; Trimestre, 10\$00—Metrópole
Ano, 60\$00 e 175\$00 por avião — Estrangeiro excepto Brasil
Ano, 45\$00 e 110\$00 ; — Ultramar e Ilhas
Ano, 50\$00 e 160\$00 ; — Brasil
Publicidade: Os Srs. Assinantes gozam do desconto de 10%.

Director e Editor interino: Rogério Domingos da Costa Carvalho
Propriedade de Herdeiros de Rogério Calás de CarvalhoComposição e Impressão: Companhia Editora do
Minho — Rua D. António Barroso — BARCELOS

SÁBADO, 3 DE ABRIL DE 1965

VISADO PELA CENSURA

Aziúmes dum homem de mau humor

Por FALCÃO MACHADO

A pesar do alto interesse, não só espiritual, como social, do 2.º Concílio do Vaticano, e de atitudes não-conciliares, acerca de muitas questões sociais, a Igreja Católica está em crise: por um lado, vive em regime de martírio e perseguição, em diversos estados, nomeadamente afro-asiáticos, onde clero e fiéis têm sido perseguidos e mal tratados; por outro, aqui e além, recordesce o ateísmo ou o anti-clericalismo que, não indo à atitude de perseguição, assume, pelo menos, a de indiferença.

Recentemente, numa organização internacional, destinada a difundir o

FESTAS DAS CRUZES

Procissão da Invenção da Santa Cruz

Graças à inteligente e decidida colaboração do Rev.º Prior de Barcelos, vai ser possível concretizar-se, em figurado vivo de Penitência, pela gente boa da nossa terra, a mais alta e religiosa homenagem a Cristo Redentor.

Num sábado — 1 de Maio — as Cinco Chagas do Senhor Bom Jesus vão ser postas em sagrada invocação, num trajecto processional que percorrerá as principais ruas de Barcelos, sob a religiosa admiração e respeito dos barcelenses, que impetram a sua protecção e evidentíssima ajuda do Pai e de Cireneu para os doentes, pobres e encarcerados.

Será um acontecimento religioso, a todos os títulos grandioso e rico de esplendor, de harmonia com as tradições da cidade, que sabe organizar, sabe sentir e sabe viver estas manifestações de fé em que se lhes põe à consideração a humilíssima visita de Nosso Senhor com o seu olhar misericordioso a saudar e a proteger cada casa e em conformidade com as necessidades do santificante remédio do Céu.

Que os barcelenses mais uma vez acorram com a sua costumada fé e boa vontade a cobrir de flores e de anseios espirituais o préstito que está em organização e que vem na hora própria para despertar corações adormecidos e unir, pelo espírito, quantos se afastam do caminho da verdade e da justiça.

Para esclarecimentos, presta todas as informações relativamente ao figurado litúrgico a incorporar, o Sr. Francisco Esteves, pessoa cheia de competência e de arreigado amor às coisas sacras e da sua terra.

Rogério Calás Cândido de Carvalho

Missa de Aniversário

Passando no próximo dia 10 de Abril — Sábado — o primeiro aniversário da morte do que foi ilustre Director de «O Barcelense», este Jornal manda celebrar nesse dia, pelas 9 horas, na Igreja do Bom Jesus da Cruz, uma Missa sufragando a sua alma, e pede a agradecida assistência a esta piedosa cerimónia religiosa.

O Director de «O Barcelense»
Rogério D. C. Carvalho

Cartas de algures

Quando, outro dia, tivemos a ocasião de mencionar, com grande aprazimento nosso, os melhoramentos de natureza progressiva e urbanística que Barcelos tanto merece e de que tanto necessita, cuja recordação foi ultimamente avivada em conceituados Jornais diários da cidade do Porto, dizíamos então, na carta publicada em «O Barcelense» do dia 6 do mês em curso, que, dentre todos os assuntos focados, foram os problemas relacionados com a construção de uma nova ponte sobre o rio Cávado, a montante da actual, e dum Palácio da Justiça, aqueles que no meu espírito observador das coisas barcelenses mais e melhor se insinuaram. Pelo que respeita ao primeiro caso, já na carta acima aludida nos permitimos expor singelas considerações filiadas na tentativa de juntar uma apagada voz àquelas que estão sendo elevadas a solicitar soluções contribuítes da finalidade desejada.

Bem hajam e oxalá se não cansem, todos quantos dão o esforço da sua vontade em bem servir a encantada princesa do Cávado.

Nestas circunstâncias, são alusivas apenas ao palácio da Justiça as considerações agora formuladas e que na mais pura das intenções nos permitimos trazer a público conhecimento.

Trata-se sem dúvida duma cidade revestida de importância considerável, cabeça de um concelho que foi outrora, se acaso não o é ainda hoje, constituído pelo maior número de freguesias dentre todos os concelhos do

(Continua na página 3)

(Continua na página 3)

NOTAS DA SEMANA

PROBLEMAS DE BARCELOS

Ávido de sol, foi com satisfação que aceitei o convite para passar o domingo último em Vila Cova. Impossível resistir à atracção de amizades que, inabalavelmente fiéis a princípios comuns, transcendem as contingências; não podia também ficar indiferente à aliciente alegria desta Primavera luminosa, um tanto abrupta, mas sempre desejada e benvinda. Passeio de escassos quilómetros, através de cinco freguesias, quatro das quais, as primeiras, com o melhor das suas vidas nas margens da estrada nacional, que de Barcelos leva a Esposende; a última, junto à estrada municipal, que, com bifurcação inicial, nos leva do Curvão ou dos Carva-

lhos ao lugar do Samo, em Vila Cova.

Junto à estrada, na mão direita, está a Escola Primária, que me sugeriu estas notas, como achega útil, nesta hora em que parece quererem neutralizar o atraso inerente de Barcelos.

Em tudo quanto se tem escrito sobre as carências da nossa Terra, lê-se e eu próprio mais de uma vez fiz eco que o liceu é uma das nossas necessidades maiores. É estafado lugar comum dizer-se que agora só vence o homem preparado. Ninguém entre nós, felizmente, pensa o contrário, não obstante o dito de alguém, com alta posição no ensino, que sarcásticamente me dizia há semanas Barcelos não querer no trabalho homens com cultura, mesmo técnica, bastante. Desabafo de incompreensão que o tempo desanuviará. O certo é que precisamos do liceu, ponto assente para os Barcelenses. Mas em matéria de ensino médio não é essa a nossa necessidade única. É preciso dotar a Escola Industrial e Comercial de Barcelos com a instalação e o apetrechamento necessários para o desempenho cabal da sua missão. Está a prolongar-se excessivamente a instalação provisória em que a Escola teve de ser fundada, com manifesto prejuízo da sua função.

(Continua na página 2)

Ao Governador do Alabama

— a propósito da marcha da igualdade sobre Montgomery.

Senhor Governador: o Mundo sente,
Repugnado, sem dúvida, e hostil,
Esse ódio sem razão, hirsuto e vil,
Que a irmãos d'outra cor, votais, ingente.

Lamenta-vos a acção e o proceder.
E não atina, não, com a razão
Que possais invocar nesta questão
Dos brancos com os negros conviver.

Uma ideia ocultais, sinistra, sim,
Que não hesita p'ra atingir o fim
Ao crime recorrer, como se viu!

Já na História sois, que nela entrastes
Para opróbrio dum Povo que ultrajastes
Como um venal traidor que lhe mentiu.

Lx. Março, 1965

A. Marques de Azevedo

A Lavoura em Foco

Pelo Dr. Manuel Alves do Vale Lima

Com a recente remodelação Ministerial passaram a exercer as funções de Ministro da Economia e de Subsecretário de Estado da Agricultura, respectivamente, os Senhores Doutor Correia de Oliveira e Prof. Eng.º Vitória Pires.

Com a chamada de outros Homens, são de esperar novos rumos e daí as esperanças de melhores dias, já que para o sector agrícola bem amargos têm sido aqueles que tem vivido.

O Excelentíssimo Ministro da Economia em comunicação ao País, efectuada em 26 de Março p. p., traçou as linhas gerais da actuação a seguir nos diferentes sectores dependentes do seu Ministério.

Referiu-se à protecção que vem sendo dispensada à indústria, manifestando o desejo de que ela seja bem compreendida e melhor aproveitada para que a Nação disponha duma indústria cada vez mais próspera e capaz de competir em todos os mercados, em preço e qualidade com a indústria estrangeira.

Quanto à nossa depaurada Lavoura, Sua Excelência afirmou: — É um imperativo da Nação vencer a crise da Lavoura e ela será dominada.

— Atingiremos o nosso fim e é decisão de começarmos já para não chegarmos tarde.

— O comércio tem que traduzir-se num serviço prestado ao produtor e consumidor.

— Se necessário, concessão de subsídios ao consumo.

— A fim de evitar um aumento considerável dos preços, preconiza a redução da cadeia dos intermediários.

— Para vencer a crise torna-se necessário que lavradores e Governo actuem como se fossem um só corpo, um só pensamento e uma só acção.

Se ainda não foi tornado público um programa de acção, o problema agrícola foi, pelo menos, encarado duma forma muito diferente da que nos quizeram impor. Havia quem defendesse que a crise da lavoura tinha que se resolver por si própria. Quando e como? Certamente no dia em

que as terras estivessem na posse dum reduzido número — os mais espertos e menos escrupulosos e daqueles que possuem outras fontes de receita — pois os actuais proprietários numa grande percentagem depois de as hipotecarem, seriam forçados a vendê-las, criando-se assim uma situação de reflexos sociais e políticos previsíveis.

As afirmações do actual titular da pasta da Economia — confiamos que rapidamente passe da palavra à acção — são sem dúvida muito animadoras para o sector agrícola. Elas constituem a certeza que a crise de que a Lavoura sofre as consequências é preocupação dos governantes, que agora prometem dar-lhe solução e actuação rápida, no desejo de chegar a tempo.

Pois a Lavoura não é nem nunca foi exigente. Sente-se fe-

(Continuação da página 3)

Leia neste número...

Devido à actualidade de certos artigos, e na disposição de «O Barcelense» cumprir a sua missão cada vez melhor, fazendo ver que não vive de tradição, mas de vivência, publicamos esta semana oito páginas, podendo o leitor ler:

Vamos Deixar Destruir o nosso Teatro?

3.º Página

Tratamento da Madeira de Pinho.

4.º Página

Desporto.

5.º Página

Serviços Médico-Sociais.

6.º Página

Comunhão Pascal dos Legionários.

7.º Página

Página Académica.

8.º Página

Hora de Verão

As duas horas da madrugada de domingo, dia 4, todos os relógios devem ser adiantados uma hora, passando a vigorar a hora de Verão.

SNR. LAVRADOR

Não se lembra do nome? Nós dizemo-lo:

é o que deve aplicar na sua vinha contra o OÍDIO. Pois continua a ser considerado o MELHOR.

À venda na **CASA SIALAL** nesta cidade

Depositários dos produtos da **CASA CARLOS CARDOSO**, no Porto e fabricados pela Geigy—Suíça

Enxofre Albert 80

Amanhã é Domingo

Secção dirigida por P. ARTUR

Pensamento: — «Não podem os homens-sombra suportar a presença do Homem-verdade».

Dia 4 de Abril — 1.º Dom. da Paixão. Missa própria (sem glória), Credo e Pref. da Santa Cruz. Paramentos roxos.

EVANGELHO

Naquele tempo, Jesus disse aos Judeus: «Qual de vós me pode acusar de pecado? Se vos digo a verdade, porque Me não acreditais? Aquele que é de Deus acolhe as palavras de Deus. Ora como vós sois de Deus, é por isso que não quereis ouvi-las».

Os Judeus responderam-Lhes: «Não temos nós razão para dizer que és samaritano e que estás possesso do demónio?» Jesus, porém, replicou: «Não estou possesso do demónio. Eu honro Meu Pai; mas vós desonrais-Me. Aliás, não procuro a Minha glória. Outro cuidará disso e fará justiça. Em verdade, em verdade vos digo: Se alguém obedecer à Minha Palavra, esse não morrerá para sempre. Os Judeus responderam: «Agora é que temos a certeza de que estás possesso do demónio! Então Abraão morreu e os profetas também e tu dizes: «Se alguém obedecer à Minha Palavra, esse não morrerá para sempre!» Porventura és maior do que nosso Pai Abraão que morreu, ou do que os profetas que também morreram? Que pretendes tu ser?»

Jesus respondeu: «Se Eu Me glorificasse a Mim mesmo, a Minha glória não teria valor. Mas é Meu Pai Quem Me glorifica, Esse que vós chamais vosso Deus. Vós nem sequer O conheceis! Eu é que O conheço. E, se dissesse que O não conhecia, seria mentiroso como Vós. Mas Eu conheço-O e obedeco à Sua Palavra. Abraão vosso Pai exultou de alegria com a esperança de ver o Meu dia; viu-o e jubilou!»

Os Judeus replicaram: «Ainda não tens cinquenta anos e viste Abraão?!» Jesus respondeu: «Em verdade, em verdade vos digo: Eu sou Aquele que existe, mesmo antes de Abraão existir!»

Os Judeus pegaram, então, em pedras para Lhe atirar; mas Jesus retrou-Se e saiu do Templo.

REFLEXÃO

A sagrada liturgia inicia hoje o tempo comemorativo da Paixão de Jesus, paixão preparada pela maldade e pela astúcia satânica de Seus cruéis inimigos.

A Paixão dolorosa de Cristo nasceu rigorosamente do primeiro pecado da humanidade e foi avolumada pelos pecados de cada homem, pelos meus pecados actuais e pelos pecados daqueles que continuam a flagelar Cristo nos membros da Sua Igreja...

A nós, quando O ofendemos mortalmente, bem podia o Senhor, dolorosa e angustiadamente, perguntar, como outrora, a Saulo de Tarso:

«Por que Me persegues? Eu sou Cristo a Quem tu persegues!...» Efectivamente, quando faço um pecado, é como se, de novo, cravasse Cristo no madeiro da Cruz, se ainda hoje isso fora possível.

Ao Evangelho de hoje, bem poderíamos chamar o Evangelho dos «desafios...» e o Evangelho dos corações duros. Corações duros dos fariseus orgulhosos e empedernidos que, perante a proclamação de Jesus de que era o Messias prometido, o Filho de Deus, tentaram agredi-Lo com uma chuva de pedras.

Entremos dentro de nós mesmos e inquiramos se o nosso coração se não assemelha aos dos Judeus. Sabemos que Cristo, e só Ele é o Caminho, a Verdade e a Vida; sabemos que só Ele é o Deus que pode saciar plenamente a nossa fome e a nossa sede. Por que, então, não O seguimos, não O estudamos, não O vivemos?

Nesta santa Quaresma, Jesus bate à porta do meu coração onde quer entrar triunfalmente pela santa Comunhão. Se eu me recuso a recebê-Lo ou O recebo indignamente (em pecado) então o meu gesto é semelhante ao dos Judeus quando atiraram pedras ao divino Salvador, e ao de Judas quando, hipócritamente, cravou um beijo traiçoeiro no rosto de Jesus.

A vitória da Cruz sobre o mal e sobre o pecado, vitória que me é recordada vivamente neste tempo da Paixão, tem de alcançar-se dentro de mim que devo, pela penitência, morrer para o pecado e, pela Eucaristia, viver para Deus.

CESAR CARDOSO ADVOGADO

Largo D. António Barroso, 9
Telefone 82447 BARCELOS

Récita dos Finalistas da Escola Industrial

Os finalistas da Escola Industrial e Comercial de Barcelos levam a efeito hoje e amanhã a sua habitual récita anual, cujo produto reverte para custear despesas com o passeio dos mesmos finalistas ao Algarve.

Do programa consta uma peça de teatro, acto de variedades, etc. «O Barcelense» espera que a população da Cidade acarinhe os nossos estudantes, enchendo por completo o Gil Vicente, o que equivale a dizer — receita garantida.

Notas da Semana

Problemas de Barcelos

(Continuação da página 1)

Mas não é apenas no ensino secundário que Barcelos está prejudicado. Até o ensino primário está com instalação insuficiente e este próprio ensino é deficiente.

Se não, vejamos, só neste curto trajecto, Barcelos-Vila Cova.

Vila Frescainha, S. Martinho não tem instalação escolar suficiente, não obstante muitas das suas crianças virem para o Recolhimento do Menino Deus, para a Casa dos Rapazes e para outros colégios, obrigando a ainda há pouco, não sei se ainda no presente, crianças a vir dos lugares vizinhos de Santo Amaro para a Escola Gonçalo Pereira.

Quase o mesmo com Vila Frescainha, S. Pedro, onde a Escola, de pequenez incompreensível, obriga ao aluguer de casa particular, nem sempre própria para o ensino.

Mariz, que ainda há pouco teve de se dar ao mesmo recurso, está no presente limitada ao mesmo recurso, está no presente limitada ao acanhado edificio escolar, como o de S. Pedro, de construção recente, mas com super lotação.

Na freguesia seguinte, Perêlhal, vê-se também uma escola nova, igualmente de inauguração recente, mas que me consta ter também alunos a mais que os normalmente devia comportar.

No entanto ao lado, Creixomil gaba-se de duas construções escolares, que lhe permitem o funcionamento normal. Ainda bem que assim é, nesta terra de bons ares, de boa água e de boa gente.

Vila Cova alfim não é mais feliz com as suas instalações escolares. Dispõe apenas do velho e já acanhado edificio do lugar do Samo, vendo-se obrigada ao aluguer de casa particular lá para os lados de Mereces.

Insuficiência, pois, de instalações.

Deficiência de ensino: a falta de salas obriga ao estabelecimento de horários de emergência, um de manhã e outro de tarde, reduzindo a aula, descontados os intervalos, a três horas e pico de trabalho diário. Ora três horas e pouco de escola super lotada é ensino deficiente. Assim, praticamente, nem ensino primário bastante temos. E os pais, conscientes das suas responsabilidades, outro recurso não têm que o ensino particular, em suprimento ou substituição do ensino oficial, a que recorrem os que podem e os que não podem, estes amiúde com enormes sacrificios.

Não sou pessimista, dos que em nada creem e que de tudo desesperam. Temos governantes conscientes e à altura das responsabilidades, mas que precisam de ser postos ao corrente das realidades. É iniciativa e realização sua a construção das escolas novas de cinco das referidas freguesias, cujos pormenores naturalmente não são da sua responsabilidade. DE MINIMIS NON CURAT PRAETOR. Se não foram constituídas com a capacidade suficiente, é mais um encravamento da burocracia, que por vezes não vê além da letra de forma que passa, por que tem de passar, por suas mãos, dando-se de vez em quando a este e a outros ares da sua graça, encravante.

A lembrança destas deficiências por certo encontrará o eco merecido, visto tratar-se de problema, sem favor, de interesse nacional. E que, mesmo no concelho de Barcelos, não é caso único, infelizmente.

Mário da Gama

Srs. Automobilistas

Srs. Industriais

Srs. Lavradores

Auto Acessórios Barcelense

Rua D. António Barroso, 70-74 — BARCELOS

Tem ao v/ dispor um satisfatório sortido de Correias, Rolamentos e Acessórios em geral, e ainda as afamadas BATERIAS BOSCH.

PNEUS NACIONAIS e ESTRANGEIROS

MALHAS — RENDAS — MIUDEZAS = Lotaria da CASA DA SORTE =

Casa Rodrigues

Rua Miguel Miranda, 23
BARCELINHOS

Um Estabelecimento novo para bem servir

Agente oficial da Companhia de Seguros Inglesa
LEGAL AND GENERAL
(Capital e Reservas: 600 milhões de libras)

Motores a petróleo italianos LOMBARDINI de 4-7,5 e 9 HP

Os mais económicos e resistentes que andam no mercado

Não vos esqueçais de comprar um motor

LOMBARDINI

Agentes exclusivos no País:

CORRÊA & CARDOSO

Telefone 82442

BARCELOS

Informação Cinematográfica

do Núcleo Escolar de S. José

Dirigida por: Américo Fernandes

Os Bombeiros Voluntários de Barcelinhos apresentam hoje pelas 21,30 horas e amanhã às 15,30 e 21,30 horas o filme:

TEIA DE ARANHA

Pais de origem, França. Género, Aventuras. Duração, 90 minutos.

Com: Eddie Constantine, Elsa Montes e Sílvia Solar.

Enredo — Um escritor aventureiro a viver em dificuldades aceita um lugar bem pago ao serviço dum homem que desconhece e com quem comunica só telefonicamente. Descobre tratar-se dum plano de roubo de elevada quantia, após contactos com vários elementos, nem sempre em bom ambiente moral. A quantia roubada é apanhada pela policia e é descoberto e morto pela autoridade o orientador do plano criminoso.

Apreciação estética — Produção franco-espanhola, com uma realização aceitável e o desempenho equilibrado, sobressaindo Constantine.

Apreciação moral — Acção violenta num ambiente de crime e de moral prejudicada, por vezes. Para Adultos, com Reservas.

— X —

Pedimos desculpa aos Bombeiros Voluntários de Barcelos de não darmos a apreciação do filme «A HISTORIA DE UM TESTAMENTO», que se exhibe hoje pelas 21,30 horas e amanhã pelas 15,30 e 21,30 horas, pois não temos a sua apreciação cinematográfica.

Herança de Manuel de Sousa Martins

AVISA-SE O PÚBLICO, que D. Elvira Cortez de Haro Frases, viúva do falecido comerciante Manuel de Sousa Martins, que teve estabelecimento de Drograria na Cidade de Barcelos, à Rua Barjona de Freitas, 52, confirma o testamento por ele deixado e lavrado a folhas 17 do Livro 52 do Primeiro Cartório do Notariado de Viana do Castelo, a cargo do Dr. Abílio de Meneses Lopes de Carvalho, da mesma cidade, é apenas a usufrutuária da herança deste, pelo que não poderá vender, nem dispor por qualquer título, os bens de qualquer natureza, que façam parte dessa herança.

A herdeira é a abaixo assinada Maria Rosa da Silva — única irmã do falecido — que protesta por reivindicar, onde quer que se encontre, quaisquer bens que dessa herança a usufrutuária disponha.

Faz-se este aviso para que possíveis compradores não possam alegar boa fé na aquisição.

Porto, 30 de Março de 1965.

Maria Rosa da Silva

CAMISAS CUECAS CAMISETAS PIJAMAS

Confecções «Barcélia»

Telefone 82784

Rua D. Diogo Pinheiro, 43
Campo Camilo Castelo Branco

BARCELOS

(PORTUGAL)

Seu relógio é um objecto delicado...

Confiando-o sempre a relojoeiro experimentado e cuidadoso terá melhor funcionamento e mais anos de duração.

Jaime de Matos Araújo

(RELOJOEIRO DIPLOMADO)

Está às suas ordens e agradece a preferência

Largo D. António Barroso
(Junto à Ponte)

BARCELOS

Grande sortido de Relógios — Cronógrafos, Calendários, Eléctricos e Conta-quilómetros



Vamos deixar destruir o nosso Teatro

ou impor a realização de obras para que cumpra a sua finalidade?

O nosso alarme do último número revouo célere pela massa de leitores de «O Barcelense» que se apressaram a testemunhar-nos a sua firme determinação de não deixarem que a Cidade fique sem um imóvel precioso, verdadeiro marco de uma geração de valores que se impuseram até pelas realizações a que deitaram ombros.

O leitor está alertado, seguirá agora o nosso pensamento acerca do que poderá vir a ser o nosso Teatro, o local onde se encontra o que pode vir a representar o Largo do Teatro, Largo do Apoio e ruas anexas.

Mas vamos por partes, que elas são partes dum todo a esplanar aqui, nestas colunas, para ver se ficamos a saber aquilo que esbanjamos em matéria urbanística. Costuma dizer-se que um mal nunca vem só, e nós acrescentamos que um mal trás outro pior. Senão vejamos...

O Teatro Gil Vicente, construído há mais de sessenta anos, é pertença (?) de uma sociedade por acções e nasceu exactamente do impulso dado por um grupo de carolas que queriam a Terra intelectualmente mais evoluída. As acções surgiram e evaporaram-se por todos os cantos, porque todos queriam ter uma acção do «Teatro do povo». E acções compradas por tantos, tantos foram que hoje não se sabe quem as tem. Muitas delas não chegaram a ser registadas e desde então, já lá vão 60 e tantos anos, os possuidores das acções morreram sem as legalizar.

Posto isto vejamos a quem pode pertencer o Teatro.

Há, certamente, algumas acções legalizadas, não são muitas, mas existem. Ora os seus possuidores deveriam convocar uma reunião para se apurar a situação dos accionistas. Se não aparecem accionistas, deve aparecer a Câmara, primeira Instituição da Cidade, a convocar tal reunião. De duas uma: ou aparecem accionistas que se comprometem a fazer obras ou aparece a Câmara a possuir o Teatro e a transformá-lo no Teatro Municipal e Barcelos teria o seu Teatro, que seria ao mesmo tempo um centro cultural por excelência.

A Fundação Gulbenkian poderia ser uma preciosa auxiliar na reconstrução do nosso teatro ou a actual Sociedade Cinematográfica comprometer-se-ia a fazer obras, descontando no aluguer a pagar à Câmara.

E teríamos o Cinema a funcionar, a funcionar já, para no Verão se fazer as obras necessárias, porque Barcelos precisa de ter um divertimento e o Cinema é o que interessa ao maior número.

Recebemos uma carta da Sociedade Cinematográfica Barcelense — Sociedade que explora o Teatro Gil Vicente — muito interessante e que se adapta ao nosso ponto de vista. Reza assim:

Barcelos, 29 de Março de 1965.
Ex.^{mo} Senhor Director de «O Barcelense»

Barcelos

Ex.^{mo} Sr.
Ao lermos as vossas palavras sobre «VAMOS DEIXAR DESTRUIR O NOSSO TEATRO» apressamo-nos a corroborar naquelas afirmações e colocar a

vossa disposição o projecto de remodelação que esta Sociedade tomou a iniciativa de mandar elaborar.

Quanto a realizá-lo os escolhidos têm sido muitos, pois como é do conhecimento geral a Sociedade Cinematográfica é uma locatária e necessitaria de salvaguardar quaisquer investimentos.

Oportunamente, e se necessário, mais informações forneceremos para acompanhar essa luta pela defesa das coisas barcelenses, feita pelo seu mais velho lutador «O Barcelense».

Essa campanha encetada não se lhe poderá chamar senão uma defesa do património municipal.

Com os nossos melhores cumprimentos, somos

Am.^{os} Mt.^{os} At.^{os} e Obrg.^{os}
Sociedade Cinematográfica, Barcelense, Ld.^a
O Gerente,

ARMENDO MIRANDA

Aqui há gato e existe mesmo!

Há um projecto que transforma radicalmente o Cinema Gil Vicente numa casa confortável, capaz de servir convenientemente a Cidade durante os anos mais próximos. Há disposição e força para se concretizar os dados do projecto. Porque se não dá colaboração aos membros que estão a actuar para que se abra o Gil Vicente? Se há outros projectos, sabemos que existem, lá iremos, não podemos deixar de considerar absurda a ideia de defraldar o património cidadão, só porque se pensa que com um mal se remedeia um outro, quando de antemão se vê que ambos são asneira grossa.

Explicamos para ficarmos, hoje, por aqui: o local do Gil Vicente iria ser ocupado pelo edifício da Caixa Geral de Depósitos o que iria facilitar à Câmara a expropriação dos restantes edifícios contíguos ao Teatro e se prolongam pela Rua de S. Francisco, local projectado para a implantação do Palácio de Justiça...

— X —

Do ilustre barcelense Sr. Décio Nunes recebemos a carta abaixo transcrita:

Meu prezado amigo:

Li com todo o interesse o artigo sobre o nosso Teatro, publicado no último número de «O Barcelense» e, por agora, quero apenas felicitá-lo e manifestar-lhe a minha inteira concordância com o ponto de vista que ali se defende.

E digo por agora, visto que, se você me consentir, voltarei ao assunto unicamente na minha qualidade de barcelense que de nenhum modo se conforma com o panorama desolador que, também no tocante às coisas do espírito, oferece hoje a nossa terra.

Creia na estima do amigo e admirador,

Décio Nunes

Vende-se

Na QUINTA DO OLIVAL vendem-se três lotes de terreno, um a confrontar com a estrada nacional de Viana e dois junto ao posto da Sacor. Informa:

José António Pereira — S. João de Vila Boa.

Papas, Rejoada e Lampreia

Todos os Domingos e Quintas-feiras
Restaurante «PÉROLA DA AVENIDA»
Telefone 82419

JOSÉ RIBEIRO NOVO

Completa hoje mais um ano, o ilustre colaborador de «O Barcelense», Sr. José da Graça Ribeiro Novo, inteligente e zeloso funcionário da Agência do Banco Nacional Ultramarino de Barcelos.



Bairrista entusiasta, José Ribeiro Novo, luta continuamente por um Barcelos maior, mais amplo e vistoso, mas convencidos estamos de que essa renovação e progresso há-de chegar um dia. Ao estimado amigo Ribeiro Novo e a sua esposa, a continuação de muitos mais aniversários.

A LAVOURA EM FOCO

(Continuação da pág. 1)

liz numa pequena mediania e é grata quando lhe fazem justiça.

Tem ela que ser compreensiva e cabe-lhe seguir fielmente as directrizes que lhe forem traçadas, enveredando por aqueles caminhos apontados como capazes de conduzirem ao fim por todos desejado — melhoria do nível de vida dessa classe, até este momento tão esquecida.

Muito embora não sendo partidário dum aumento substancial de preços dos produtos agrícolas, com o propósito de evitar um aumento inquietante do custo de vida, o Sr. Dr. Correia de Oliveira não foi dum rigidez absoluta pelo que é de esperar a actualização dos preços de alguns produtos. Outra conduta seria incompreensível, pois, presentemente, só os artigos da Lavoura conservam os preços de há muitos anos. Para conseguir os fins em vista — evitar o aumento do custo de vida — poderiam ser concedidos subsídios ao consumo, pagando-se à Lavoura os respectivos produtos por um preço actualizado.

Seria o caso, quanto aos cereais da F.N.A.T. adquirir os respectivos artigos por preços justos e lançá-los depois no mercado por preços compatíveis com as possibilidades dos economicamente débeis.

Tal solução não foi descuidada e assim é que estaria certo.

(Continua)

Manuel Monteiro de Carvalho

MÉDICO
Consultas das 12 às 13
e das 15 às 18 horas
Consultas Campo 5 de Outubro, 41
Telefones { Consultório 82325
Residência 82690

Missa Vespertina

A missa vespertina que se celebra todos os domingos na Matriz, às 18,30, passa agora a ser às 19 horas.

Alfaiataria CHIC

DE — Lomba & Pimenta

Comunicam aos s/ estimados Clientes e Amigos que abriram um novo Estabelecimento de Alfaiataria, executando toda a espécie de Confeccções para Senhora, Homem e Criança.

Av. Combatentes da G. Guerra

(Junto a Santo António)

BARCELOS

Aziúmes dum homem de mau humor

(Continuação da pág. 1)

ou na desconfiança que este suscita pelo seu natural isolamento da vida social mundana ou material.

Salazar chamou, uma vez, a atenção, para o facto de Portugal ser um país profundamente católico — e bastante anti-clerical.

A situação parece não ter mudado muito, tanto mais que há forças ocultas, subterrâneas, subreptícias, minando a estrutura religiosa do país.

E, talvez, tendo em conta esse facto que Salazar, no seu último discurso, proferiu as seguintes palavras, cheias de senso:

«Embora, conforme a frase de Tertuliano, a alma humana seja naturalmente cristã, desde sempre entendeu a Igreja não poder existir sem uma doutrinação activa que ilustrasse os entendimentos no dogma, e afeiçoasse as consciências às práticas da sua moral. Assim a Igreja pode cristianizar a nação e pode até cristianizar o Estado; e parece-me dever ficar por aí, pois não pode substituir este nem conduzir os negócios daquela na ordem material ou profana. E se, esquecendo amargas experiências históricas, se sentisse tentada a intervir na acção política, não devia fazê-lo, porque a medida que vemos materializar-se a vida, se torna mais e mais absorvente a missão espiritual da Igreja.»

Ora, no entanto, este nosso país católico, tão dedicado à Virgem, país de Santos popularizados, como Santo António, e de homens de graça santificante e acção, como, recentemente, Padre Cruz e Padre Américo, acaba de ver um exemplo nítido de vocação, no sentido mais puramente teológico do termo: cinco estudantes de cursos superiores, tendo ante si, a perspectiva dum futuro profissional de êxito e prestígio, acabam de ingressar na Companhia de Jesus.

De dois, sei eu alguma coisa quanto às famílias de que procedem: um, tem nas veias sangue do poeta Eugénio de Castro, já falecido, mas que, tendo sido o introdutor do neofitismo em Portugal, teve uma aura de prestígio a rodear-lhe o nome. É o Vaz Pinto.

Outro... é neto do Marquês de Pombal, 7.º neto, se não erro as minhas contas genealógicas. É o Carlos Teles do Amaral.

É, coisa curiosa, não é o primeiro neto do Marquês que ingressa na Companhia que o antepassado expulsou de Portugal...

Coisas da vida!...

Destinos...

Parece que a força sobrenatural, divina, da Igreja, se vinga desta maneira dos seus perseguidores: com perdão e amizade pelos descendentes.

FALCAO MACHADO

Farmácias de Serviço

Amanhã, Domingo encontram-se de serviço permanente

FARMÁCIA CENTRAL

Largo Bom Jesus da Cruz

Em BARCELINHOS:

J. ALVES DE FARIA

Rua Miguel Miranda

Guarda-Livros

«GRUPO A. B e C e EMPRESAS»

Desenvolvidos conhecimentos; bastante experiência modernas técnicas contabilidade, organização, gestão orçamental e custos.

«ACEITA ou ORIENTA escritas».

Resposta à administração por carta ao n.º 15

Cartas de algures

(Continuação da página 1)

país. — Eram tantas que o concelho ainda conseguiu ficar de grandeza respeitável mesmo depois de ter cedido bastantes delas (salvo erro), umas para constituição de novos concelhos e outras para ampliação de concelhos existentes, todos do distrito de Braga.

Claro que justo é venha abranger todas as Sêdes de comarca a vez de obterem tão importante melhoramento, e há-de chegar certamente, mas a verdade é que terras de menor categoria, do ponto de vista de densidade demográfica e desenvolvimento económico, já ostentam, com justificado orgulho, o tão desejado e necessário Palácio. Razão bastante, supomos, para que continuemos pedindo não demore a criação em Barcelos desse grandioso melhoramento.

Edifício digno de tão importante cidade. Sede de uma das maiores Comarcas Judiciais, uma obra que corresponda à austeridade majestade da Lei e a devida solenidade dos actos realizados nos Tribunais, isto é, conforme ao que louvavelmente vem sucedendo por superior deliberação do Ministério da Justiça, com a preciosa colaboração do Ministério das Obras Públicas. Em suma, um prédio de linhas harmoniosas e agradável estética arquitectónica, amplos e confortáveis gabinetes, privativos dos Magistrados, providos de todos os requisitos, Repartições bastante cómodas, tanto para o Funcionalismo como para o público interessado: Secretaria Geral, Secções Judiciais, Notariado, Registo Civil, Registo Predial, Ordem dos Advogados; finalmente, Salão Nobre e de audiências gerais, servido de tudo quanto se requer em anexos numa dependência de tal magnitude.

É que, em boa verdade, vai longe, muito longe mesmo, aquele tempo em que os Magistrados Judiciais consentiam em receber e dar despacho a petições apresentadas no próprio domicílio e em que os Notários e os Escrevãos de Direito precisavam de instalar em casas particulares, à própria custa, as dependências necessárias ao exercício das suas obrigações profissionais. O Tempo e o Progresso impõe as suas leis, e a elas todos temos de obedecer, sem possibilidade de recurso de apelação.

Por agora e para finalizar: Crêmos que, além das vantagens a obter pelo que respeita a urbanização e ao aspecto fisionómico da cidade, a Construção do Palácio da Justiça vai originar benefícios de outra ordem.

A eles nos referiremos em nova carta a escrever na primeira oportunidade.

João de Santo André

BASF PORTUGUESA, S.A.R.L.

Anilinas e Produtos Auxiliares
Produtos Químicos
Matérias Plásticas
Resinas Artificiais
Adubos NITROFOSKA
Insecticidas, Fungicidas, Herbicidas

Representantes da

BADISCHE ANILIN- & SODA-FABRIK AG, LUDWIGSHAFEN AM RHEIN, REP. FEDERAL DA ALEMANHA



Sabe porque deve usar adubos

SEIFAFERT (TERNAPE)

em todas as culturas?

TERNAPE poupa-lhe transportes e armazenagem evita-lhe o trabalho de misturas, sempre imperfeitas dá às suas culturas fertilizações completas e similtâneas possui nas suas fórmulas fertilizações adequadas para todas as culturas

Sabendo o que a terra precisa, só lhe resta escolher entre

- 13-13-20 — De surpreendentes resultados em terras pobres em potássio;
- 14-14-14 — Fertilizante rico e equilibrado, de larga utilidade;
- 20-10-10 — Adubo rico em azoto, poderoso estimulante da vegetação, sem prejuízo da floração e frutificação;
- 12-24-8 — Muito rico em fósforo, aconselhável para as terras ricas em potássio e para as culturas pouco exigentes nesse elemento;
- 16-20-0 — Excelente adubo de fundo para arroz e para o trigo, culturas que reagem mal às fertilizações potássicas;
- 25-10-0 — Adubo de cobertura, que a par de uma estimulação vegetativa, evita os acidentes inerentes ao uso do azoto isolado.

ADUBAR BEM—SÓ COM ADUBOS SEIFAFERT (TERNAPE)

Importadores exclusivos

COMPLEX

Rua da Alegria, 41-1.º E.
Telefones 33939/321038
LISBOA

Automóveis de aluguer sem condutor
devidamente legalizados para o País e estrangeiro
Simca 1000—Volkswagen e outras marcas

NECO

Rua Costa Cabral, n.º 14 a 18—PORTO
Telefones — 42995 e 45459

MÁQUINAS DE COSTURA SUPREMA VOLGA CISNE

À venda na CASA DOS RÁDIOS de
ARMINDO SILVA
(Ao lado do Senhor da Cruz) Telefone 82708
Agente oficial no Concelho de Barcelos

MÓVEIS TELES
MAIS BONITOS
MAIS BARATOS
ELHOR SORTIDO

Todo o género de colchoaria, Divãs de ferro articulado
Maples e Sofás-camas. e Mobiliário metálico.
Tapetes, Carpetes e Alcatifas.

TELEFONE 82453
CAMPO DA FEIRA BARCELOS

O Tratamento da Madeira de Pinho para a Construção Civil

por **ALFREDO MILNE CARMO**

Administrador da Soprem — Soc. Preservação de Madeiras Ltd.

1— Considerações gerais sobre as vantagens da madeira como material de construção

A madeira é um dos mais antigos materiais empregados na construção civil. Ainda hoje desempenha um lugar importantíssimo na maior parte dos tipos de utilização, que o homem lhe tem dado através dos séculos.

A sua leveza, aliada a uma grande resistência mecânica, o baixo preço e facilidade com que se trabalha e se liga, constituem um conjunto de características que a tornam aconselhável para as mais diversas aplicações nas obras de engenharia.

Por isso o construtor, em todos os trabalhos que realiza, seja uma simples estrutura de cobertura, um revestimento de um pavimento, um vão de uma porta ou de uma janela, lança mão deste valioso material, certo de que ele oferecerá aos utilizadores além da segurança necessária, o conforto desejado. A madeira além de óptimo isolante térmico e sonoro é, do ponto de vista estético, um material quente, rico e repousante para os sentidos. Os soa-lhos de madeira são sempre belos à vista e a sensação que se experimenta quando se pisam é em todos os casos agradável.

Por toda a parte, principalmente nos países mais progressivos da Europa e das Américas, a madeira continua a ocupar um lugar de relevo na indústria da construção de edifícios, onde, em geral, é aplicada em proporção muito mais elevada do que a que se tem verificado no nosso país nos últimos anos. É curioso citar, por exemplo, que a Inglaterra, onde as indústrias de produção do ferro e do cimento se encontram extraordinariamente evoluídas, importa de Portugal e de muitos outros países, madeiras em abundância para aplicar nas suas obras.

2— Os principais inconvenientes que se apontam à madeira

A par de todas as vantagens referidas, a madeira apresenta naturalmente, inconvenientes. Os dois principais que se lhe apontam são: a sua combustibilidade e a susceptibilidade ao ataque de fungos e insectos xilófagos, seus principais inimigos nas construções. Estes defeitos podem todavia ser corrigidos por técnicas que garantem resultados 100% seguros.

Se bem que neste artigo nos propo-nhamos tratar apenas da preservação de madeiras contra os seus agentes de destruição, não queremos deixar de fazer algumas considerações sobre o primeiro dos inconvenientes referidos, pois sabemos que, para muitos, ele representa um defeito importante, levando até à adopção de materiais de substituição, que, em certas situações, são por vezes mais perigosos do que a própria madeira.

2.1— A combustibilidade

Num edifício não é apenas o material lenhoso que constitui a estrutura do telhado ou dos pavimentos que oferece alimento às chamas. Se considerarmos todo o mobiliário, papéis, roupas, combustíveis, etc., será fácil concluir que estes podem representar uma percentagem de materiais propícios ao fogo muito mais importante do que os madeiramentos que entram na própria construção.

Refere-se muitas vezes como estrutura incombustível uma estrutura metálica. Ora está provado que, quando se declara fogo num edifício com asnas de ferro, por exemplo, as peças que vão de uma parede à outra, começam a torcer por dilatação devida ao calor, acabando por ocasionar a derrocada das paredes e causando estragos muito mais importantes do que os que se produziriam se, no seu lugar, estivessem peças de madeira. Não é raro vermos edifícios destruídos por incêndios, em que as asnas de pinho dos telhados, se bem que carbonizadas pelo fogo, se mantêm no seu lugar, sem terem causado qualquer pre-

juízo, importante nas paredes ou mesmo noutros elementos da construção.

É já possível, hoje, tratar madeiras com produtos ignífugos adequados, que libertam gases pela aproximação do calor, os quais combinando-se com o oxigénio do ar que circunda as peças impossibilitam a combustão destas.

2.2— A susceptibilidade aos ataques de fungos e insectos

É do conhecimento geral que, uma vez aplicadas nas construções, as madeiras podem ser destruídas numa escala maior ou menor pela acção de agentes estranhos, resultando a sua vida de serviço por vezes tão curta, que o emprego deste material de construção passa a ser anti-económico.

Quando há presença de humidade, dá-se em geral um tipo de deterioração que é conhecido por *podridão*. Muitas pessoas julgam que a podridão é motivada apenas pela água, o que não é correcto. Se a humidade for excessiva, pode até inibir o desenvolvimento dos verdadeiros agentes de decomposição da madeira, que são os fungos. Em determinadas percentagens porém, a humidade, conjugada com uma temperatura favorável, cria condições propícias ao desenvolvimento daqueles agentes xilófagos.

O outro tipo mais vulgar de ataque de madeiras é devido a certas espécies de insectos, geralmente conhecidos por «corunchos» que escavam profundas galerias nas peças e se denunciam pelo aparecimento de orifícios à superfície destas, pela formação de um pó amarelado que não é mais do que um resíduo de madeira destruída e, até numa fase avançada do ataque, pelo ruído característico das larvas progredindo nos tecidos lenhosos.

Será curioso notar que os agentes xilófagos não podem ser considerados só como elementos nocivos. Nas florestas, por exemplo, são até muito úteis, pois é pela sua acção que as árvores derrubadas pelo vento, os cepos das que o homem abateu, os ramos caídos, etc., são reduzidos a uma matéria que se desagrega facilmente, desimpedindo o terreno para o crescimento de novas plantas e representando um produto que vai enriquecer e aumentar a fertilidade do solo.

É sabido também que umas madeiras são mais resistentes a fungos e a insectos do que outras, e que o ataque destes organismos se dá com mais facilidade numas condições de aplicação do que noutras.

O borne da madeira de pinheiro, como aliás acontece com a quase totalidade das madeiras, é muito mais vulnerável do que o cerne. O carvalho, o castanho, o eucalipto são mais duráveis do que o pinho.

Um madeiramento ao ar livre está mais sujeito a ser atacado do que um madeiramento situado debaixo de telha; uma peça de madeira num ambiente pouco arejado e húmido apodrece com mais facilidade do que outra num ambiente seco e ventilado. As peças com baixo teor de humidade, proporcionam, de um modo geral, melhores condições de ataque aos insectos do que as que se encontram húmidas.

Também o clima conta bastante para o desenvolvimento dos agentes xilófagos. Os fungos encontram melhores condições de vida nos países do norte, e insectos nas regiões tropicais. Portugal, situando-se numa latitude média, luta com um problema de fungos e de insectos. Além disso, os poucos cuidados que sempre

Agradecimento

Licínio da Costa Pinheiro Durães, tendo sido vítima duma queda que lhe causou a fractura duma perna, e agora quase restabelecido, vem por este meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe deram a honra com a sua visita, bem como àquelas que de algum modo se interessaram pelo seu estado de saúde.

Licínio da Costa Pinheiro Durães

tem havido na escolha de madeiras, a utilização de material já atacado e a maneira como, em alguns casos, se tem feito o seu comércio, permitiram que em especial certas pragas de insectos, infestassem os centros urbanos, adaptando-se às condições que ali lhes são oferecidas e tornando-se um inimigo implacável das construções, que importa combater.

3— O problema de preservação de madeiras

O problema não é exclusivo do nosso País e apresenta-se por quase todo o mundo com a mesma acuidade.

A sua solução—posta de parte por inviável, a ideia de obrigar ao corte e exploração nas melhores condições técnicas e científicas—será a de enveredar pelo caminho da profilaxia. Há necessidade de tratar as novas madeiras, e tratá-las conscienciosamente, não só para suprir as deficiências que possuem, mas para lhes fornecer melhores qualidades de duração e invulnerabilidade do que as das boas madeiras de que outrora dispusemos.

3.1— Um pouco de história

O problema que agora se nos depa-para não é novo. Mas enquanto que hoje em dia se dispõe de meios de tratamento seguros para obter uma imunização completa das madeiras, antigamente recorria-se a processos empíricos—, que dependiam mais ou menos da imaginação de cada um, havendo os que chegaram a ser eficazes...

Alguma referência curiosas chegaram até nós, sobre esses processos. Numa passagem da Bíblia, por exemplo, diz-se que Noé recebeu ordens de Deus para tratar as madeiras da sua Arca com alcatrão. Sabe-se também, que algumas estátuas de madeira da Antiga Grécia, como a de Zeus, que se encontrava num recanto húmido do Olimpo, foram preservadas com óleo de Narde. O método de tratamento utilizado era curioso: o óleo, que se encontrava num recipiente situado a um nível superior, era forçado a circular através do material lenhoso, no qual era introduzido por orifícios feitos para esse fim. Outra notícia histórica refere que Alexandre, o Grande, da Pérsia, mandava que todos os madeiramentos das pontes fossem tratados com azeite, processo que foi depois imitado pelos romanos.

A literatura da actualidade refere-se a casos importantíssimos de apodrecimentos por fungos, que reduziram a pó navios de guerra ingleses, no tempo em que eram feitos de madeira. Conta-se que o «FORMIDABLE», com 110 canhões, foi completamente destruído em algumas semanas.

O trabalho que nos relata esta ocorrência termina com um comentário bastante humorístico, que diz que o remédio para o apodrecimento das madeiras dos barcos de guerra, foi descoberto em 1863, e estava no material com que se construiu o primeiro couraçado, isto é no aço...

3.2— A evolução da preservação de madeiras

O que acima dissemos sobre práticas antigas, mostra-nos que a preservação de madeiras era noutros

(Continua na página cinco)

Defenda as suas madeiras.

Trate-as na SOPREM

Telefone 51—V. N. DE FAMALICÃO

O PÃO DE LÓ e os DOCES da **PASTELARIA ARANTES** têm sido todos os anos considerados os melhores.

O Tratamento da Madeira de Pinho para a Construção Civil

(Continuação da pdg. 4)

tempos uma prática que dependia em muito do critério pessoal.

Sabia-se que as madeiras apodreciam, mas não se sabia porquê. Verificava-se o ataque por insectos, mas desconhecia-se os ciclos evolutivos dos mesmos e as condições que ditavam o seu aparecimento. Utilizavam-se diversos produtos, mas não se sabia até que ponto eles afectavam a vida dos diversos agentes de destruição e promoviam a sua morte, nem por quanto tempo a sua eficácia se mantinha nas madeiras. Os processos de aplicação utilizados ou eram superficiais ou, para serem mais profundos, eram imensamente demorados. Hoje, a preservação de madeiras é uma ciência, que assenta na investigação e em dados experimentais, que conduz a uma certeza e a resultados indiscutíveis quando executada por indústrias conscientemente montadas e dirigidas, dispondo dos mais modernos métodos de tratamento. Estes são a resultante do esforço conjunto, de micologistas que estudam os fungos xilófagos, de entomologistas que estudam os insectos lignívoros, de químicos que produzem as substâncias tóxicas que estão na base dos preservantes, de tecnologistas de madeiras e utilizadores que trabalham em todo o mundo para esse fim comum. O resultado dos seus estudos são discutidos em Convenções anuais, estabelecendo-se normas e confirmando-se resultados.

3.3— Os tipos de produtos preservantes

Os produtos existentes podem-se dividir em 3 grupos:

- 1.º — Creosote e seus derivados;
- 2.º — Produtos químicos solúveis em água;
- 3.º — Produtos químicos solúveis em óleos.

Em qualquer destes grupos se encontram produtos bons sob o ponto de vista insecticida e fungicida. Há apenas a considerar quais os mais aconselháveis para o fim em vista, no que respeita a preço, presença de cheiro, repassamento de estuques e outros factores que são ditados pelo uso específico que se pretende dar às madeiras.

Por exemplo, o Creosote, que é um magnífico preservante para madeiras ao ar livre, não pode ser muitas vezes utilizado em interiores, por ser gorduroso e repassar acabamentos de tectos ou de paredes, pelo pronunciado cheiro que exala e pela cor escura que comunica às madeiras.

3.4— As características a que os preservantes devem obedecer

As características fundamentais dum bom produto preservante são as seguintes:

- 1.º — Deve possuir elevada toxicidade contra todos os agentes destruidores da madeira.
- 2.º — Uma vez aplicado não deve perder as suas qualidades de insecticida e fungicida com o decorrer dos anos.
- 3.º — Deve ser estável, fixando-se permanentemente às fibras lenhosas. Não deve ser volátil, nem deslavável pela acção da água (em especial nas peças expostas à chuva, nas entregas das vigas e outros sítios húmidos).
- 4.º — De preferência não deve comunicar qualquer cheiro às madeiras, nem cor e terá que permitir ainda a aplicação de qualquer acabamento posterior. Se for gorduroso poderá não só prejudicar a aderência da tinta como repassar estuques.
- 5.º — O seu preço deverá ser suficientemente baixo para permitir uma utilização em abundância.

3.5— Os métodos de aplicação dos produtos preservantes

Os principais métodos de aplicação de produtos preservantes às madeiras são os seguintes:

- a) Pincelagem ou pulverização;
- b) Imersão;
- c) Impregnação em autoclave sob vácuo e pressão.

Cada um dos métodos pode ser mais ou menos satisfatório, conforme as condições em que é aplicado e a finalidade a atingir: É importante considerar que quanto maior for a penetração, maior será a protecção. Um bom tratamento necessita de grandes quantidades de produto preservante para que a madeira seja impregnada a grande profundidade.

Os tratamentos por pincelagem são preferíveis aos tratamentos mais rigorosos, se se pretender uma protecção por pouco tempo, pois estes são de uma maneira geral mais baratos. Porém, para uma imunização dos madeiramentos por muitos anos, os tratamentos superficiais só podem ser aceitáveis se se repetirem de 2 em 2 ou de 3 em 3 anos. Isto torna-os muito mais caros do que qualquer tratamento por impregnação profunda, e além disso, uma vez que as madeiras estejam aplicadas na obra, é difícil fazer chegar o produto preservante a algumas zonas vulneráveis, particularmente juntas e fendas.

Naturalmente, sempre que não haja possibilidade de tratar a madeira de pinho por um processo rigoroso, é preferível proceder a um tratamento por pincelagem do que não ter nenhum cuidado. Em todos os casos, porém, o tratamento por imersão é sempre preferível ao tratamento por pincelagem ou pulverização.

Têm-se verificado entre nós muitos insucessos com tratamentos de madeiras, havendo quem critique a eficácia deste ou daquele produto que na realidade são bons. Porém, não há preservante nenhum, por muito bom que seja, que possa compensar os defeitos do processo por que é aplicado.

Os leitores sabem que em alguns casos, se substituem bons produtos por outros mais baratos e de menos confiança, que sendo apenas iguais na totalidade que dão às madeiras, estão muito longe de oferecer a garantia dos primeiros.

Por outro lado, existe a noção de que o ataque às madeiras se vai fazer de fora para dentro e que por isso, se se pincelar a superfície das peças consegue-se evitar a entrada dos seus agentes destruidores, por estes terem que passar através de uma camada tóxica. Ao pensarem assim, esquecem-se porém, dos seguintes pontos, muito importantes:

- 1.º — A madeira, que em geral fendilha nas condições de serviço, vai abrir uma porta à entrada dos insectos, e dos fungos, não servindo para nada o tratamento efectuado.
- 2.º — Em muitos casos, as madeiras chegam à obra já com um princípio de ataque. Nestas condições as larvas dos insectos ou o micélio dos fungos, encontram-se já no interior, em sítios inacessíveis ao preservante quando aplicado por simples processos de imersão ou pincelagem.
- 3.º — A preservação de madeiras não deve procurar resolver um problema a curto prazo; um edifício deve durar muitas dezenas ou mesmo centenas de anos. Que garantia temos de que uma delgada película de produto preservante não perde as suas propriedades ou é suficiente para proteger o valor dos madeiramentos, durante 5 ou 6 décadas?

3.6— O tratamento pelo método de impregnação sob vácuo e pressão

O tratamento de madeiras em autoclave sob vácuo e pressão é considerado unanimemente por cientistas e utilizadores no mundo inteiro, como o método mais eficaz de aplicar preservantes à madeira.

As autoclaves são cilindros que se conseguem fechar herméticamente e estão colocados numa posição horizontal. Têm no interior carris que, por abertura da porta, dão continuação aos que se encontram no exterior e po r onde se deslocam vagonetas

Pela P. S. P.

Mais um que caiu no Conto do Vigário — Queixou-se António Alves, casado, de 43 anos, lavrador, residente na freguesia de Calvelo, concelho de Ponte de Lima, contra duas pessoas cuja identidade e morada desconhece, a quem entregou a quantia de 21 000\$00, devido a ter acreditado numa história já muito conhecida que as mesmas lhe contaram, no dia 25 do corrente, na feira semanal desta cidade.

Achados — Foram entregues no Posto da P. S. P. os seguintes achados: uma peça de metal cromado, própria para automóvel marca «Mercedes»; uma argola com chaves e uma carteira com documentos. Carregadas com a madeira a tratar. Os seus comprimentos e diâmetros são variáveis, e as suas capacidades naturalmente as mais diversas, mas de uma maneira geral as autoclaves para tratar madeiras de construção têm o comprimento suficiente para admitir as peças das medidas máximas normalmente utilizadas, e quase sempre tratam em cada operação volumes superiores aos 10 m³, havendo mesmo no nosso País, as que levam o dobro e mais.

Uma vez as madeiras introduzidas no cilindro de impregnação a porta é herméticamente fechada. Faz-se um vácuo de 55 cm de Hg durante 30 m e, em seguida, deixa-se correr o soluto preservante dum recipiente onde está armazenado até que se atinja o completo encherimento da autoclave, ficando assim as madeiras totalmente envolvidas pelo líquido.

Logo que seja alcançado este ponto, uma bomba de pressão começa a injectar o produto, que é retirado do mesmo depósito em que estava armazenado.

A medida que a pressão vai aumentando, o líquido vai progredindo para o interior das peças até que se alcança a impregnação de todo o borne. Nessa altura recolhe-se o produto da autoclave para o recipiente onde estava inicialmente, terminando a operação com um vácuo final que retira o excesso de antiséptico da superfície das peças, permitindo uma melhor manipulação por parte dos operários e o aproveitamento do produto que de outro modo seria desperdiçado.

O que acabamos de descrever é o processo de Bethell ou da Célula Cheila e o produto utilizado, um preservante do tipo solúvel em água, que é actualmente usado nas fábricas portuguesas para tratamento de madeiras de construção, à semelhança do que acontece nos mais desenvolvidos países do mundo.

Além do método Bethell há 2 outros sistemas fundamentais; o de Rueping ou de Célula Vazia e o de Lowry.

Sempre que o pinho se apresenta a tratamento em estado de secagem satisfatório consegue-se uma impregnação total do borne com altos volumes de líquido que garante às madeiras uma resistência completa aos seus agentes destruidores, conferindo-lhe uma duração que encontra limites no desgaste do próprio material sob a acção lenta de outros efeitos, particularmente, os de natureza mecânica.

A prática de tratamento de madeira em autoclave, se bem que nova entre nós no ramo da construção civil, constitui já uma indústria muito antiga e com créditos confirmados.

Atribui-se a Breat a invenção deste método de tratamento em 1831, mas a sua utilização em escala comercial começou em boa verdade apenas em 1838, sendo os seus iniciadores Burnett para impregnação de Sais Metálicos e Bethell para óleo de Creosote. Mais tarde, Rueping havia de pôr em prática um processo que ficou conhecido pelo seu nome, pelo qual se conseguem utilizar menores quantidades de Creosote. Este processo, porém, não foi inventado por ele, mas por Wasserman em 1902. Lowry, em 1906, introduziu uma ligeira modificação ao processo iniciado por Wasserman, que mais tarde devia entrar um uso corrente, conservando também o seu nome.

No campo das descobertas relativas a produtos para preservação de madeiras adequadas à utilização em autoclave, deve-se uma importante contribuição ao alemão Dr. Wolman, que em 1907 descobriu os Sais que

(Continua na pdg. 7)

O Barcelense Desportivo

Nota de abertura

No dia 27 do mês passado, fez um ano que no quarto n.º 16 do nosso Hospital, faleceu um dos juizes de campo que, com grande futuro à sua frente na difícil tarefa de dirigir encontros de futebol, prestigiou a Comissão Distrital de Braga e, conseqüentemente, o futebol. Rerefimono, como os nossos leitores já adivinharam, a Mário Costa. De facto, o malogrado desportista cedo demonstrou excelentes qualidades para a tarefa difícil de dirigir encontros de futebol e, sobretudo, era possuído de uma personalidade que o levaria a mais altos postos na arbitragem nacional. Decorreu já um ano e, parece-nos, que ainda o estamos a ver, adentro dos rectângulos de futebol, sempre alegre, sempre procurando ser justo e ainda defendendo, com os melhores argumentos, todos aqueles que se ligaram à causa de arbitragem de futebol. Nesta hora e, neste momento, as nossas preces ao Altíssimo para que, na sua infinita misericórdia, o tenha junto de Si.

Arbitradores

Assistimos, no último domingo, ao encontro de «juniores» entre o Gil Vicente e o Salgueiros. Não vamos comentar a derrota da equipa local nem, tão pouco, apresentar desculpas para a vitória da melhor equipa, fisicamente, que evoluiu no Campo Adelino Ribeiro Novo. Andamos muitos anos a dirigir desafios de futebol e devíamos ter cometido muitas faltas mas nunca deixamos de procurar SERVIR o melhor que soubemos, cumprindo as instruções dos nossos dirigentes, acompanhando os desafios. Nunca estivemos, permanentemente, no centro do terreno; não fixamos as mãos nos quadris «vendo» seguir o jogo. Procuramos estar dentro das jogadas para melhor ajuizarmos das faltas. Hoje, com 56 anos, e tomando por base o que vimos no último domingo ao árbitro de Aveiro.

Acreditamos que, apesar da idade, ainda somos capazes de fazer melhor. Que saudade e que tristeza ao analisarmos a actuação da equipa de arbitragem que veio de Aveiro!

Fomos sempre acérrimos defensores dos juizes que dirigem encontros de futebol mas, francamente, perante o que nos foi dado assistir, no encontro de juniores entre o Gil Vicente e o Salgueiros, é uma grande verdade a crise que atravessa a arbitragem de futebol. E, por essas e por outras, os clubes sofrem as consequências e os jogadores mal tratados, e vexados, por aqueles que «têm» o dever de velar pela justiça, exorbitam perdendo a calma e enveredando por mau caminho. E, em «juniores», o sintoma é deveras lamentável que não sejam escolhidos árbitros capazes de saberem respeitar a lei do jogo. Tudo isto contribuiu para o afastamento do público dos campos de futebol onde só parece existir a preocupação de fazer «passelo turístico» alguns homens do apito.

Futebol Junior

Amanhã a equipa junior do Gil Vicente vai deontar a turma que mais pesada derrota lhe infligiu no presente campeonato: o Ermezinde. Desejo, portanto, aceitável dos «rapazes» barcelenses quererem rectificar o resultado da 1.ª volta (6-1). Em confronto com os seus adversários a

equipa barcelense só apresenta inferioridade no físico porquanto, em jogo, a equipa revela certa habilidade; os barcelenses são batidos por uma maior experiência, dado que é a primeira vez que se vêem em semelhantes andanças. O desafio de amanhã, sem apreensões nem outro objectivo que não seja dar luta condigna proporcionará aos «juniores» barcelenses uma manhã excelente para rectificação do desafio da 1.ª volta.

Columbófilia

Amanhã realiza-se o concurso de MUGE, na distância de 270 quilómetros.

O encastamento far-se-á hoje, das 15 às 16 horas, na Sede da Sociedade Columbófila Barcelense.

Oquei em Patins

Após um pequeno interregno prossegue hoje, pelas 21,45 horas, no Parque da Cidade, o Torneio de Abertura de Oquei em Patins com o jogo:

Oquei Clube de Barcelos-Académico de Braga.

Nacional da 3.ª Divisão

Inicia-se no próximo domingo o campeonato da 3.ª Divisão realizando-se os seguintes jogos:

Z O N A A

1.ª Série

- 1.º DIA — Fafe-Vizela; Régua-Chaves e Penafiel-Mirandela.
- 2.º DIA — Vizela-Régua, Mirandela-Fafe e Chaves-Penafiel.
- 3.º DIA — Penafiel-Vizela, Régua-Fafe e Mirandela-Chaves.
- 4.º DIA — Vizela-Chaves, Fafe-Penafiel e Régua-Mirandela.
- 5.º DIA — Mirandela-Vizela, Chaves-Fafe e Penafiel-Régua.

2.ª Série

- 1.º DIA — Gil Vicente-D. das Aves, Vilanovense-Rio Ave e Tirsense-Vilanovense.
- 2.º DIA — D. das Aves-Vilanovense, Vianense-Gil Vicente e Rio Ave-Tirsense.
- 3.º DIA — Tirsense-D. das Aves; Vilanovense-Gil Vicente e Vianense-Rio Ave.
- 4.º DIA — D. das Aves-Rio Ave, Gil Vicente-Tirsense e Vilanovense-Vianense.
- 5.º DIA — Vianense-D. das Aves, Rio Ave-Gil Vicente e Tirsense-Vilanovense.

ALTO-FALANTES

CASA SOUCASAUX

Telefone 82345

Instalações Eléctricas em todos os géneros

E

Grupos Electro-Bombas BARCELOS

Campo — Vende-se

No Lugar da Reboreda, junto da Ponte do mesmo lugar que dá para S. Veríssimo, vende-se um bom campo com a área de 9.200 metros. Informa a Redacção.

INFORMAÇÃO

A SOPREM — Sociedade de Preservação de Madeiras, S. A. R. L., com sede em Lisboa e fábricas de tratamento de madeiras em Vila Nova de Famalicão — Telefone 51 — Pampilhosa e Marinha Grande, vem informar, no sentido de defender os interesses dos seus Ex.ªs Clientes, Técnicos e Construtores Civis, que põe à disposição um reagente específico para verificação do tratamento em profundidade feito nas suas fábricas e ainda as respectivas folhas de tratamento. Estes últimos elementos funcionam como certificado de garantia que nos deve ser exigido, inclusivé para tratamentos efectuados em data anterior à presente.

A ADMINISTRAÇÃO

ELECTRO-FLAR

DE

Flávio Ferreira da Costa

Oficina de reparações eléctricas em Autos. Reconstrução de Baterias. Instalações e Bobinagens em Dinamos e Motores Eléctricos. — Material Eléctrico.

Rua Dr. Manuel Pais (Rua da Estrada, 24-A)

BARCELOS

Defenda as suas madeiras.

Trate-as na SOPREM

Telefone 51 — V. N. DE FAMILICÃO

SERVIÇOS MÉDICO-SOCIAIS UMA CARTA

Dentre algumas cartas recebidas, focando os problemas debatidos no nosso jornal, por a considerarmos de maior interesse, damos publicidade à carta seguinte:

Ex.^{mo} Senhor
Director do Jornal «O Barcelense»
Sou, e sempre fui, um assíduo leitor desse semanário; ora em face de vários artigos que tenho lido sobre o Posto Clínico, acabo por concluir que V. Ex.^a é uma pessoa que, de momento, se encontra bastante dentro do assunto para me responder, a certas e objectivas perguntas que abaixo transcrevo.

Primeiro — Teve conhecimento que alguns Senhores Presidentes dos Sindicatos de Barcelos, fizeram uma exposição a repudiar e reprovar as tais pseudas afrontas escritas nesse Jornal?

Ora o Organismo é de interesse e defesa nossa ou para intervir em assuntos que lhe não diz respeito?

Segundo — Para que isso fosse feito, não se deveria reunir uma Assembleia Geral para ouvir a opinião dos associados?

Terceiro — Tendo sido sábado, dia 27, a reunião para aprovação de contas do ano transacto, porque não se aproveitou essa ocasião para que, com o número de sócios ali aparecidos, se discutisse e decidisse o assunto?

Ponho estas perguntas ao critério de V. Ex.^a Senhor Director. Eu li em determinado jornal, que ainda tenho que não possuimos um escol de Directores Sindicais à altura das necessidades presentes, e a verdade é que assim acontece. Tenho apreciado muitos casos em que sócios de Organismos, por infelicidade ou injustiça, se têm visto em situações delicadas, pois o Organismo nunca deu um passo em defesa de tais associados, antes pelo contrário, condena-os e desanima-os. Por isso descrença é enorme e eis a razão porque não reuniram os associados para lhes comunicar o que os Senhores Presidentes acabaram por fazer. No caso afirmativo, seria um fracasso? Talvez!

E de lamentar que existam à frente dum organismo pessoas aquém da inteligência dos associados, e a quem se tem de reprimir e emendar erros sem conta.

Nós, associados, estamos habituados a ser comandados por pessoas inteligentes e concretas, e não por qualquer. Mas não admira, pois nós ainda possuimos Presidentes que para ocupar o cargo tiveram de recorrer à escola de adultos para possuírem o exame do 2.º grau.

Senhor Director de «O Barcelense», não fariam melhor os Senhores Presidentes se oferecessem um carneiro ou um par de frangos? Como procedem agradam a uns (médico-chefe) e desagradam a outros (associados).

Se querem baixa médica contínua, ou a reforma, antes do limite da idade só assim.

Em Portugal, felizmente existe ou criaram-se Cursos de Formação Social Corporativa, para quem? Só esses senhores o deviam frequentar para poderem e saberem reger com brio e perseverança os Organismos a que presidem.

Tudo quanto se tem lido nesse Jornal, que V. Ex.^a é digno Director, será ou não para bem dos beneficiários?

Eu julgo que sim, pois no respectivo Posto já existe algo de novo a que não estavam habituados.

Senhor Director, peço desculpa do meu atrevimento mas não podia deixar de escrever esta carta para assim dar cumprimento a um caso que julgo injusto, e condenar a atitude desses Senhores Presidentes interessados.

Subscreevo-me com consideração,

Um Associado.

Efectivamente, tínhamos conhecimento, embora os seus autores actuassem em certo sigilo, das Presidentes dos Sindicatos. E reuniões efectuadas por alguns zemos alguns porque outros se recusaram a tomar parte numa resolução que ia contra os interesses dos associados, e visava unicamente pagar «benesses» pessoais...

Esses senhores reuniram primeiro no Posto e depois numa das sedes desses Sindicatos.

Não há dúvida que os dirigentes sindicais nunca deveriam ter tomado tal atitude, sem primeiro ouvir a classe que representam. Tanto mais que, como diz, houve nesses dias uma Assembleia Geral em que parece haver receio de abordar o problema.

Mas a resposta a todas as suas perguntas poderá simplificar-se:

O Presidente do Sindicato Têxtil era doente do Sr. Dr. Mário Queirós, foi por ele proposto para Reforma, e em Junta por aquele médico presidida considerado inválido... Isto há cerca de um mês... Um inválido à frente dum

Sindicato!!! Se os Sindicatos representam as classes trabalhadoras. O Sr. Presidente não trabalha, salvo se o faz numa pequena indústria caseira que possui...

Quanto ao Presidente do Sindicato da Panificação, é doente do mesmo médico, está ou esteve com baixa até há pouco tempo e declarou que se deseja reformar, e assim, tem que estar nas boas graças...

Um terceiro, o Presidente do Sindicato das Serrações, está com baixa dada pelo Sr. Dr. Queirós.

Um quarto convidado a tomar parte na mesa redonda, não é doente do Sr. Dr. Queirós, não quer reformar-se, não quer baixa... quer sim defender os interesses da classe a que pertence e apresenta e por isso disse não.

Creemos que a resposta está dada.

Em que situação se colocou este médico em relação aos beneficiários?

Quanto ao nome do signatário da Carta não o publicamos para evitar que se repita o que ultimamente sucedeu com outro beneficiário descontente.

Um beneficiário queixou-se superiormente e com carradas de razão. Pois o Sr. Dr. Queirós tendo conhecimento da atitude por ele assumida, mandou-o submeter a um exame às suas faculdades mentais...

Assim mesmo!!! E o que teria sucedido ao beneficiário se o médico especialista não fosse honesto? E o que fará perante tais desmandos a Direcção dos Serviços Médico-Sociais? Por hoje isto...

Ribeiros & Pereira, Ltd.^a

Alteração do Pacto Social

Certifico que, por escritura de 4 do corrente, exarada a folhas 7 a folhas 9 do livro de notas para escrituras diversas n.º 18-B do 2.º cartório da secretaria notarial de Vila Nova de Famalicão, a cargo do notário licenciado João Machado da Silva, a sociedade comercial por quotas Ribeiro & Pereira, Lda, com sede no lugar de Cabanelas, da freguesia de Viatodos, do concelho de Barcelos, reforçou o seu capital social, que de 100 000\$00, que era, passou para 600 000\$00, reforço este integralmente realizado, em dinheiro, entrado na caixa social a título de suprimentos feitos pelos sócios, sendo pelo sócio Henrique Azevedo Barbosa e António Maia Barbosa 165 000\$00 cada um e pelo sócio José Ribeiro de Azevedo 170 000\$00.

Mais certifico que, em consequência, e depois de os sócios unificarem as suas quotas, foi alterado o artigo 3.º do pacto social, que ficou com a seguinte redacção:

3.º

O capital social é de 6000 00\$, integralmente realizado, sendo de 200 000\$00 a quota de cada um deles sócios e todo esse capital se encontra representado em dinheiro e outros valores constantes do respectivo inventário da sociedade.

É certidão, parte de narrativa, parte de teor, que extrai e vai conforme o original.

Vila Nova de Famalicão, 12 de Fevereiro de 1965.

O Notário,
João Machado da Silva

Laurinda Vieira

PARTEIRA-ENFERMEIRA
— DIPLOMADA —

Partos, Injecções, Tratamentos
Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 172

Telef. 82485 BARCELOS



Atenção Surdos de Barcelos VOLTAR A OUVIR É VOLTAR A VIVER

A CASA SONOTONE estará convosco ao vosso serviço e inteiramente ao vosso dispôr na FARMÁCIA LAMELA, na próxima quinta-feira, DIA 8, das 9 às 12,30 horas, aonde lhes apresentará a mais moderna e completa gama de aparelhagem auditiva, para correcção individual.

ÓCULOS AUDITIVOS — MODELOS PARA USAR ATRÁS DA ORELHA — MODELOS DE BOLSO — PÉROLA AUDITIVA E OS MODELOS POPULARES COM PREÇOS DESDE 1.765\$00

A CASA SONOTONE faculta-lhes gratuitamente e sem compromisso, exames auditivos e experiências práticas. Trocas—Facilidades de Pagamento e Assistência Técnica,

na FARMÁCIA LAMELA, no dia 8, das 9 às 12,30 horas

CASA SONOTONE — Praça da Batalha, 92-1.º — Telefone 35602 — PORTO

CASA CUNHA

Telefone 82645

DE — Félix Luis da Cunha
CAMPO DA FEIRA—BARCELOS

Vende aos melhores preços toda a qualidade de calçados

(NÃO COMPRE SEM CONSULTAR ESTA CASA)

RÁDIOS E TELEVISORES — FOGÕES A GÁS, Nacionais e Estrangeiros — AQUECEDORES ELÉCTRICOS
GRANDE SORTIDO DE CANDEEIROS
NÃO COMPREM SEM CONSULTAR
PREÇOS E QUALIDADE

No estabelecimento de

ARMINDO SILVA

(ao lado do Senhor da Cruz)

Telef. 82708

BARCELOS

Anúncio publicado em «O Barcelense», em 3-4-1965, no n.º 2811.

Tribunal Judicial de Barcelos

(SECRETARIA)

Éditos de 30 dias

1.ª Publicação

Para os devidos efeitos se faz saber que por este juízo e primeira secção, nos autos de acção ordinária proposta por BEATRIZ MARTINS FERROS, casada, lavradeira, da freguesia de São Tiago do Couto, desta comarca, contra CLEMENTINA MIRANDA BARBOSA e marido, proprietários, da mesma freguesia e outros, correm éditos de trinta dias, contados da segunda e última publicação do respectivo anúncio, citando os réus AMÉRICO MARTINS LEIRAS e mulher MARIA FERNANDA DE LURDES CORDEIRO LEIRAS, ausentes em parte incerta e com o seu último domicílio conhecido na Rua Ferreira Lapa, número dezassete, rés-do-chão, da Cidade de Lisboa, para no prazo de vinte dias, depois do prazo dos éditos, contestarem, querendo, a mesma acção, na qual a autora pede para serem declarados nulos os testamentos feitos por MANUEL JOAQUIM LEIRAS, irmão do marido da autora, em vinte e dois de Fevereiro de mil novecentos e cinquenta e sete, no notário desta comarca, Doutor José da Graça Faria Júnior, e em vinte e oito de Março de mil novecentos e cinquenta e um, no notário também desta comarca, Doutor Luís Filipe Pinto da Fonseca, e os réus condenados assim o verem julgar, bem como nas custas, selos e máximo de procuradoria. Os referidos réus AMÉRICO MARTINS LEIRAS e mulher, são também citados, para no prazo de oito dias, depois do prazo dos referidos éditos, se pronunciar sobre a intervenção na mesma acção como parte principal de CAETANO DUARTE LEIRAS, casado que foi com CUSTÓDIA MARTINS VILAS BOAS, esta falecida e ele ausente em parte incerta do Brasil, e com o último domicílio na dita freguesia de São Tiago do Couto.

Barcelos, 31 de Março de 1965.

O Escrivão de Direito,
Aires Augusto da Silva

VERIFIQUEI.

O Juiz de Direito,
João Carlos Afonso da Rocha

Ciclo de Iniciação Teatral de Barcelos

Como noticiamos no último número, realizou-se uma reunião para eleição e discussão dos estatutos do C. I. T., nova instituição cultural que se espera venha a realizar obra de relevo na Cidade.

É para nós, motivo de muito júbilo podermos dar esta notícia, pois foi nas colunas de «O Barcelense» que se começou a falar na vantagem de uma associação que se interessasse pela elevação cultural e intelectual da gente moça de Barcelos.

Com a vinda para esta cidade do Sr. José Júlio Ribeiro da Cunha Soares, um novo cheio de esperanças e de conhecimentos teatrais, vincou-se a ideia e tomou forma concretizando-se nessa reunião que teve a assistência de muitas dezenas de pessoas da maior representação de Barcelos.

Para o próximo número daremos a constituição dos corpos gerentes do C. I. T. ao mesmo tempo que faremos algumas considerações sobre tão elevada iniciativa.

CASAMENTO

No passado domingo, dia 28 de Março, na Igreja Paroquial de Abade do Neiva, realizou-se o enlace matrimonial da Sr.^a D. Maria Eugénia Martins Fernandes, filha da Sr.^a D. Celeste Martins de Pinho e do Sr. Manuel Joaquim Fernandes, já falecido, com o Sr. Jorge Licínio de Mouta Reis, filho do Sr. Arlindo Reis e de D. Filomena de Almeida Mouta, já falecida, naturais do Porto.

Serviram de padrinhos por parte da noiva seus tios maternos Sr.^a D. Maria Eugénia Martins de Pinho Teixeira e Sr. Carlos de Pinho Martins e por parte do noivo Sr.^a D. Maria Aurora Rosa da Silva e o Sr. Luciano Teixeira Barbosa, residentes no Porto. Após o casamento, foi servido em casa da noiva um almoço aos convidados.

Os noivos seguiram em viagem de núpcias para o centro do país.

Pedido de Casamento

Por seu irmão, Sr. David B. de Carvalho e Esposa, Sr. D. Nidia Azevedo Araújo Carvalho, foi pedida para, o nosso estimado amigo Sr. Manuel Baptista de Carvalho, filho da Sr.^a D. Teresa Baptista Araújo e do respectável comerciante da nossa praça Sr. Sebastião Pereira de Carvalho, a Sr.^a D. Maria Luísa da Silva Teixeira, gentil filha da Sr.^a D. Maria de Lurdes da Silva Teixeira e do nosso prezado amigo, Sr. José Teixeira.

O enlace realiza-se oportunamente. As nossas felicitações aos noivos e a seus pais.

Falta de espaço

Por este motivo fica vário original por publicar, do que pedimos desculpa nomeadamente ao nosso colaborador Mário e ao solicito correspondente de Alvelos, que saberão compreender a nossa falta.



Sociedade Agrícola e Comercial do Norte, L.^{da}

Av. Marechal Gomes da Costa, 50—BRAGA

Pinto & Cruz, L.^{da}
PORTO

Procissão da Invenção da Santa Cruz

Realizando-se no próximo dia 1 de Maio, do ano corrente, a Majestosa Procissão da Santa Cruz, aceitam-se desde já a inscrição de anjinhos.

A inscrição está aberta na Casa Francisco Esteves, desta Cidade.

PELO CONCELHO

ABADE DO NEIVA VILA COVA

Comunhão Pascal — Na execução do poder de legislar que o próprio Cristo lhe outorgou para que ligasse o Céu à terra, o divino ao humano, determinou a Santa Igreja que todo o Cristão comungue, em cada ano, ao menos uma vez. Normalmente o cumprimento dumha impositão que a lei estabelece com a sua força de autoridade e vazio de sentimento; falta-lhe o entusiasmo generoso da voluntariedade e sobejalhe o aspecto, muitas vezes anti-pático de carácter obrigatório.

A referida determinação da Igreja não pode todavia, ser encarada, sob que pretexto for, nesse plano de objecções.

Em resumo, o cumprimento do dever pascal é lei a que nenhum católico se deve eximir, e que importa ser respeitada no seu íntegro e profundo sentido.

No passado Domingo, o povo desta freguesia deu provas bem claras, de que está consciente das suas obrigações de católicos. Quase todas as pessoas se abeiraram da Sagrada Mesa preparando-se assim para receber o Cordeiro Pascal, nos seus lares.

Quase podemos afirmar, e com bastante mágoa, que deixaram apenas de realizar a sua Comunhão Pascal, meia dúzia daqueles que se dizem católicos, porque assim lhes convém, mas que a Igreja nunca pôde contar com eles; esses querem continuar a atraí-lo ao seu Cristo, quem continuam a fazer parte daquela multidão que exclama: Mata-o! Crucifica-o! talvez que um dia o Senhor tenha compaixão desses, e repita as palavras que um dia dissera: «Pai perdoai-lhe que não sabem o que fazem».

Casamento — Na Igreja Paroquial desta freguesia realizou-se no passado Domingo o casamento do Sr. Jorge Lúcio Mouta Reis, funcionário do Instituto de Vinhos do Porto, com a Sr.ª D. Maria Eugénia Martins Fernandes, filhos respectivamente do Sr. Arlindo Teixeira dos Reis e D. Filomena Mouta, falecida, e do Sr. Manuel Joaquim Fernandes, falecido, e D. Carolina Celeste de Pinho Martins Fernandes.

Apadrinharam o acto o Sr. Carlos de Pinho Martins e a Sr.ª D. Luciana Teixeira Barbosa, de Leça do Balio.

Entre nós — Vindo do Porto, encontra-se na sua vivenda, «Casa do Monte», nesta freguesia, em estado de convalescência, o Ex.º Sr. Comendador João Duarte Veloso. Ao mesmo tempo que o cumprimentamos, desejamos-lhe um breve restabelecimento físico.

Pereira da Silva



D. Rosa da Silva Araújo

Agradecimento e Missa do 30.º Dia

Suas filhas, genro e demais família profundamente reconhecidos, vêm por este único meio agradecer as condolências e outras provas de amizade recebidas quando do falecimento da saudosa finada.

Em sufrágio da sua alma e para seu eterno descanso, vai rezar-se, no próximo dia 3 de Abril, pelas 7,30 horas, na Igreja de Santo António a Missa do Trigesimo Dia, pedindo a grata assistência ao religioso acto.

Barcelos, 3 de Abril de 1965.

Teresa de Araújo Lopes da Silva
Maria Ribeiro Araújo
Francisco Lopes da Silva

Comunhão Solene — No último domingo, esta freguesia viveu também um dia completamente intenso de verdadeira alegria com a comunhão solene e primeira comunhão, das crianças desta freguesia. Além das missas da manhã, efectuou-se uma vistosa Procissão, da capelinha de S. Brás, à igreja Paroquial, na qual tomaram parte todas as crianças que iam realizar a sua Primeira Comunhão e Comunhão Solene.

A chegada à igreja, seguiram-se as cerimónias da profissão de fé, sendo as crianças acompanhadas pelo Rev.º Padre Lima, finda a qual, seguiu-se a Santa Missa, celebrada pelo incansável Pároco desta freguesia.

De tarde, às 4 horas, encontrava-se grande massa de gente da freguesia e das freguesias circunvizinhas, que vinham fervorosamente assistir às cerimónias da tarde.

Depois de se ter rezado o terço, estendia-se uma majestosa e imponente Procissão Eucarística na qual tomaram parte todos os estandartes das confrarias e associações, crianças da Cruzada Eucarística, da Primeira Comunhão e Comunhão Solene, as representações da Jac e Jacf, e em seguida o Pálio que guardava a Santa Custódia, conduzida pelo Rev.º Padre António Alves Moreno, acompanhado pelo Rev.º Cônego Miranda, pelo Sr. Padre António Cachada, e por todas as pessoas da freguesia e freguesias vizinhas.

A imponente Procissão seguiu em direcção à capelinha de S. Brás, onde foi dada a bênção do Santíssimo Sacramento, seguindo novamente em direcção à igreja paroquial. Num interessante diálogo, dois meninos e duas meninas, pediram a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro que lhes concedesse sempre a graça de Deus, terminando assim esta atraente cerimónia.

Vila Cova merece mais uma vez parabéns por ter vivido horas de intensa alegria com esta grandiosa cerimónia religiosa.

Não podemos deixar de felicitar o nosso virtuoso e incansável Pároco Reverendo Padre António Alves Moreno, pela forma simpática como conduziu todas as atraentes cerimónias, e pelo entusiasmo com nelas pôs.

Deus permita, que estes nobres sentimentos religiosos se entranhem cada vez mais nesta honrada gente de Vila Cova.

T. N. ALVES



Dolores Ivars Roselló Neiva

Agradecimento e Missa do 30.º Dia

Sua filha e demais família vêm por este meio agradecer, profundamente comovidos, a todos quantos prestaram finezas, enviaram condolências ou assistiram ao funeral da saudosa finada, ao mesmo tempo que comunicam a celebração da missa do 30.º dia que se efectua no dia 10 de Abril, pelas 9 horas, no Templo do Senhor da Cruz.

Barcelos, 3 de Abril de 1965.

José de Sousa Neiva

Missa do 1.º Aniversário

Pelas 9 horas da manhã, da próxima sexta-feira, dia 9, será celebrada uma Missa por alma e eterno descanso do saudoso finado. Sua família pede a compariência a este piedoso acto que se realiza no templo do Senhor da Cruz.

A FAMILIA

Comunhão Pascal dos Legionários do Terço de Barcelos

Unir o Homem a Deus é preocupação da Igreja, do próprio Homem consciente, membro do Corpo Místico de Cristo. Recebê-Lo no coração, trazê-lo dentro de si, é glória suprema do Homem que sem Deus pouco vale, nada significando a vida para ele.

Por isso os Comandos da Legião Portuguesa do Distrito quiseram que domingo último fosse o dia da Comunhão Pascal do Legionário, dia do Senhor, em que todos deveriam estar mais unidos a Ele, Deus do Mundo e do Céu.

Os Legionários de Barcelos também tiveram a sua Comunhão Pascal, não tivessem eles um Comandante aprumado, católico fervoroso, um Comandante que está sempre à frente dos seus homens, compreendendo-os e amando-os. Possuindo qualidades inactas de chefia, o Comandante João Augusto de Almeida tem feito obra, meritória acção, na nossa Legião. Faz gosto ir até ao modesto quartel do nosso Terço à hora do meio dia, meia hora: dezenas de pessoas almoçam na cantina, satisfeitas pela oportunidade que a Legião Portuguesa lhes dá, oferecendo-lhes uma refeição substancial por tão baixo preço. Mas a Legião é também do Legionário; lá têm uma sala de confraternização, com bar e rádio, para onde podem ir divertir-se. Para além disto, o Legionário sabe que pode contar com a paternal ajuda do seu comandante, como também é conhecedor da sua atitude de aprumo e rigor quando as coisas não correm como as normas determinam. É um comandante com conhecimento de causa porque temos visto, sem sermos vistos, pequeninos pormenores que definem um Homem e o eleva na consideração dos outros.

Mas a Comunhão Pascal é o tema destas notas.

Um sol de Verão rompe no horizonte, e elevou-se, quando estava bem no zénite primaveril, as várias lanças que compõem o Terço de Barcelos caminhavam garbosas em direcção à Capelinha de S. José. Eram Legionários de Famalicão, Espinosa e Barcelos, Comandados pelo Comandante João de Almeida, sendo os vários lanças dirigidos pelos chefes Sr. João Correia, Carlos Nunes, Augusto Pratas e Florentino Martins.

A Capelinha de S. José encontrava-se vestida a rigor para receber os soldados da Paz e da Guerra. Ali estava o ilustre juiz do Confraria de S. José, o nosso prezado amigo Sr. Joaquim Silva e o incansável e zeloso capelão Sr. Padre Avelino, alma generosa e boa, sempre pronto a fazer mais um sacrifício para levar para Deus uma ovelha transviada. Ali também várias senhoras que se associaram às cerimónias.

A Santa Missa foi celebrada pelo Rev.º Capelão da Legião de Barcelos, Sr. Padre João Ribeiro, que foi acolitado pelo Juiz da Irmandade de S. José, Sr. Joaquim Silva.

A Comunhão o Rev.º Capelão exortou os Legionários a seguir as leis do Senhor, lembrando-lhes as palavras do Evangelho, que tão bem se apropriavam ao momento solene que se ia seguir.

Todos os Legionários se dirigiram, então para a Mesa da Comunhão, primeiramente o seu Comandante e Chefes de Secção e depois todos eles, em número aproximado de duzentos.

No final da Santa Missa seguiu-se um almoço para todos os Legionários na Cantina da Sede Social. «O Barcelense» felicita os Legionários do Terço de Barcelos pela prova de bom catolicismo que revelaram, associando-se à Comunhão Pascal que os seus dirigentes determinaram que se realizasse no último domingo.

O Tratamento da Madeira de Pinho para a Construção Civil

(Continuação da pág. 5)

ficaram conhecidos pelo seu nome e em cuja fórmula inicial se foram introduzindo aperfeiçoamentos; eles constituem hoje um produto com uma longa série de referências de resultados práticos que dá ao utilizador uma garantia absoluta de sucesso na preservação das suas madeiras.

A indústria de preservação de madeiras em autoclave, desenvolveu-se, por assim dizer, em paralelo com os meios de comunicação. Os caminhos de ferro encontraram nas travessas de madeira o melhor material para o assentamento do seus carris. Porém, as fabulosas quantidades de que necessitavam obrigaram-nos a procurar um material lenhoso, barato e que existisse com abundância. Não puderam logicamente pensar em madeiras de grande durabilidade natural, que eram muito caras e tiveram que se voltar para as madeiras que eram pouco utilizadas na construção devido à sua fraca resistência ao ataque de agentes xilófagos. Estas madeiras porém não poderiam ser empregadas na via sem tratamento pois tendo que ficar expostas ao tempo, a sua duração seria ainda mais limitada.

Foram as iniciativas de Bethell e de Burnett que, fomentando o tratamento em autoclave, conseguiram transformar estas madeiras pouco duráveis num material de duração muito maior do que aquelas que eram então reconhecidas como duráveis.

O desenvolvimento do telegrafo e dos telefones vem cair num campo de utilização ainda mais vasto, pois as suas linhas tinham que ser assentes sobre postes de madeira, também de duração natural curta e necessitando, portanto, de tratamento em autoclave.

O sucesso da indústria foi tão grande, que hoje as Empresas de todo o mundo reconhecem como mais vantajosa a utilização de madeiras de 2.ª categoria, tratadas em autoclave, do que as de 1.ª em branco.

É corrente nos países em que o tratamento da madeira se faz de acordo com os mais apurados requisitos, que uma travessa de caminho de ferro dure 30 anos, e um poste 50.

Se considerarmos que essas madeiras sem tratamento durariam muito menos que uma meia dúzia de anos, e que o tratamento significa um pequeno acréscimo de preço, sobre o custo da madeira, compreender-se-á a utilidade desta generosa indústria, e os altos benefícios que dela resultam para a economia de um país.

Só nas vias férreas, o número de travessas em serviço é sempre de muitos milhões, o que representa um valor considerável na exploração de uma rede nacional de caminho de ferro.

A prática do tratamento de madeiras, em autoclave sob pressão, foi durante muitos anos extensiva apenas a travessas e a postes. Porém, em muitos países começou-se há muito a expandir o âmbito da indústria à medida que se tornavam mais

raras as madeiras capazes de resistir por si, aos ataques das podridões e dos carunchos.

Nos Estados Unidos da América do Norte, em Inglaterra, na Alemanha, na Suécia, etc., as madeiras para minas, para a agricultura e para a construção civil, são tratadas em autoclave, a maior percentagem das quais com produtos do tipo Sais Metálicos solúveis em água.

4 — A necessidade de tratar a madeira de pinho

Em Portugal, a madeira de que dispomos em maior abundância — o pinheiro bravo — é hoje em dia e geralmente (excepção feita às Matas Nacionais), proveniente de árvores jovens de povoamentos mal ordenados.

É evidente que o facto reflecte-se na qualidade do produto, mas é evidente também e humanamente compreensível, que em face das enormes necessidades de consumo deste material de construção, o proprietário particular não possa obrigar-se a longos períodos de revolução para o corte das suas árvores. Por outro lado, para satisfazer os seus mercados consumidores, o pinhal é hoje explorado de forma a obter-se o maior número de m3 no menor espaço de tempo possível, em terrenos de fácil nutrição e em povoamentos pouco densos.

Resultam deste conjunto de factos, madeiras menos cerneiras e mais vulneráveis ao ataque de xilófagos, cuja necessidade de tratamento é indiscutível.

5 — Laboratórios de investigação

Em todos os principais países se encontram em actividade grandes Laboratórios e Centros de Investigação que se dedicam ao estudo da preservação de madeiras: É o exemplo do Forest Products Laboratory, Division of Wood-Preservation, Ottawa, no Canadá, do Laboratoire de l'Institut National du Bois, Paris, em França, do Materialprüfungsamt, Abteilung Holzschutz — Berlin-Dahlem, na Alemanha, do Forest Products Research Laboratory, Princes Risborough, Aylesbury Bucks, na Grã-Bretanha, do Forest Products Laboratory, Madison, Wisconsin, dos Estados Unidos da América, e muitos outros em todo o mundo.

Em Portugal, o Laboratório Nacional de Engenharia Civil está a dedicar ao problema cada vez maior interesses, possuindo já as suas secções de micologia, entomologia, e ensaios físico mecânicos. A Secção de Madeiras do I. N. E. C. possui uma instalação piloto para a impregnação de madeiras em autoclave. Também a Direcção Geral dos Serviços Florestais, através do seu laboratório de Alcobaca, tem dedicado considerável atenção ao estudo da preservação das madeiras de pinho. Além disso tem prestado contribuição positiva mandando tratar em autoclave todas as madeiras para as suas obras.

Vende-se Camião

Raio 30 Km.
Com licença feirante.
Informa esta Redacção.

Defenda as suas madeiras.

Trate-as na SOPREM

Telefone 51 — V. N. DE FAMALICÃO

FRIGORÍFICOS — PHILIPS — FRIGORÍFICOS

Melhores condições de venda

Novos Modelos

Uma nova SÉRIE

Preços

+++

Baratos

PHILIPS 1965



Pois claro!

Compre HOJE Porque é mais

Barato!

Uma técnica Moderna

Uma marca de renome

CONSULTE O Agente oficial PHILIPS

Armando Faria Fernandes

Av. Combatentes da Grande Guerra — Telefone 82602

BARCELOS

O Ideal e a Educação no Adolescente

Que triste realidade se vive hoje na maioria dos corações dos jovens! Que escassa é a luz e que espessa é a noite em que por vezes está mergulhada a alma dos jovens! Quão denso é o nevoeiro que turva e ilude as perspectivas acalentadoras e os sonhos audazes e aventureiros dum jovem! Se quisermos certificarmos-nos de tudo isto, façamo-nos jovens, repassemos toda a nossa juventude, vivamos o problema actual, a desorientação e angústia de tantos jovens que aguardam a hora trágica do naufrágio e então presenciaremos tantos adolescentes, autênticas folhas murchas de melancólico Outono, caídas sobre o esquife frio da desilusão na vida; ouviremos compungidos os gemidos de jovens angustiados que, de insondáveis e misteriosas entranhas fazem partir um grito lancinante, pungente, esperando a luz, o socorro de alguém, esperando que alguém pronuncie uma única palavra — Deus.

Há tantos sonhos de ideais mas são tão poucas as realidades originadas em sonhos. Há tantos fatores duma esfera de derrotismo para quem tudo é impossível, porque se deixaram invadir pelo vento de cemitério que sopra em nossos dias; há jovens que são verdadeiros ramos dobrados pela acção das tempestades, autênticos barcos ancorados nas águas calmas e turvas do porto; há rapazes que deixaram fugir o sorriso, a alegria, a naturalidade, o entusiasmo, o espírito de aventura, de iniciativas, perfumadas flores que despertaram na idade viçosa da vida — a adolescência — mas que eles calcaram aos pés. E tudo isto porquê? Porque a triste realidade de homens frenéticos, demoníacos? Porquê a enfezada «camada de imbecis, e de incapazes, porquê o receio e a cobardia de sentir a proa da vida bramir no balanço furioso do Oceano; porquê tantas adolescências a boiar no mar ondolante e revoltado dos sentimentos, uma adolescência mergulhada num mar de problemas, vítima de aspirações vagas e confusas de inquietações sem causas, constituindo autênticas praias carcomidas de lacunas que não deixam divisar os altos ideais dum jovem, cujos horizontes não apresentam limites nem contornos definidos, cujo destino é cheio de mistério? Porquê tudo isto? Porque hoje caminha-se, muitas vezes, sem saber o que se quer, para onde se vai; porque a nossa vida é destruída, tanta vez, dum fim preciso, duma orientação; porque deixamos de amar, de lutar, de nos entusiasmar por uma palavra divina e sublime e perante a qual hoje tantos jovens estremeçam — o Ideal; porque carecemos de um guia, dum amigo que seja a nossa luz através de floresta cerrada das ideias, das paixões, que seja o luzelro nos caminhos difíceis e escorregadios da vida, um amigo que nos ame e se incline sobre os nossos mais escondidos segredos.

Se não temos um ideal caminhar-mos à mercê dos ventos, das correntes, do baloço da aragem; se não

temos um amigo as perspectivas dos nossos horizontes ficarão eclipsadas nos dias mais sombrios da vida, continuaremos a ser feridos pelas intrincadas cadeias que nos prendem às más companhias, aos maus hábitos; jamais vincaremos uma personalidade, jamais poderemos revelar os segredos que escondemos na prega mais íntima da alma.

Mas não pensemos que é depois dos 16 anos que o jovem vai forjar um ideal e angariar um amigo. Infeliz é o adolescente que não vive em germe o seu ideal, que não divisa, embora numa miragem mui longínqua, o rumo certo e seguro do seu futuro, que não começa a centralizar todas as faculdades, aspirações, habilidades, num único fulcro. Infeliz é o jovem que se sentiu órfão quando seus pais apenas têm 35, 40 anos, que encontrou entre as companhias o veneno, entre a solidão e o silêncio do abandono a incompreensão e a nostalgia, que encontrou no exemplo do próprio seio familiar a morte e sózinho, solitário, de cabelos eriçados, de olhos encovados e lavados por regeladas lágrimas vê que são os próprios pais que o conduzem à sepultura!

Como são angustiadas as horas de solidão deste jovem que olha para o passado, que reconhece a más pegadas recalçadas por colegas que não chegaram a ver a sua vida desabrochando, qual rebento de aromática flor em risonha Primavera; que olha o passado e vê que todo o seu entusiasmo, impulso, audácia, aspirações, alegria foram amarfanhadas e soterradas pela folhagem seca das paixões, pelo eco das palavras malditas proferidas tantas vezes pela boca dos pais, na repercussão nau-seabunda das conversas dos seus companheiros, na crassitude da incompreensão, do desamparo, da falta de amor e do excesso de liberdade que encontrou no meio familiar.

Com que ansiedade torturante vive um jovem de 16, 17, 18 anos que já não tem alento para navegar em direcção ao ponto estratégico do combate que conduz à vitória — Querer; que já não tem inteligência e imaginação para compor o poema da sua juventude, poema esse que havia de ser o símbolo que condensasse todos os santos, que teria o condão de despertar os mais audazes entusiasmos dum jovem; que vê morrendo lentamente a sua vida jovem tão necessária para o dia de amanhã, dia de tantas responsabilidades. Que triste e angustiante a vida dum adolescente incompreendido, sem um ideal e sem um amigo!...

(Continua)

A. AMORIM

Princípio constante: sempre que o homem quis abusar do homem começou por atacar-lhe a Fé.

A. BESSIERES

CONFLITO E DIÁLOGO

Sempre houve necessidade deste espírito de abertura dialogante; contudo, especialmente no tempo presente que, em relação a nós viventes, se diz modernismo, é tão urgente o verdadeiro diálogo.

Evidentemente que para haver diálogo são necessários dois polos; a não ser que uma pessoa possa dialogar consigo mesmo, o que não constituirá um diálogo propriamente dito. Todos, grandes e pequenos, precisamos de dialogar. O homem, ser por excelência sociável, as sociedades e as nações, quer sejam desenvolvidas ou subdesenvolvidas, necessitam de dialogar para satisfazerem as suas necessidades.

Não é pelo conflito, mas dialogando, que os homens se reconhecem. Os homens personalizam-se mutuamente não através da cisão, mas no encontro dialogal. É através do diálogo que podemos, embora não dum modo absoluto, conhecer aquilo que as pessoas são e com obrigação de o ser; pelo contrário pelo conflito sabemos o que as pessoas são, mas não deviam ser.

Conflito e diálogo são dois polos: um positivo e outro negativo (conflito) que se repelem. Deste modo, podemos já tirar uma conclusão: onde há conflito não pode haver diálogo. Assim, dizemos que não se pode dialogar com quem nos deseja matar, aniquilar ou humilhar. Também o diálogo será impossível com quem nos considera um objecto desprezível. Pelo mesmo motivo as sociedades, raças ou nações que subjugam e oprimem outras, não dialogam.

Então, uma vez que metade dos povos vive sugando, guerreando e amarfanhando outra, que será da Humanidade sem diálogo? Se é verdade que o conflito impede o diálogo, também é certo que os acontecimentos conflituais abrem a porta ao diálogo. É precisamente através do conflito que os homens conflitantes reconhecem a necessidade de dialogar. Quantos diálogos surgiram na História Humana porque antes houve conflitos? Pois bem; podemos afirmar que nos tempos hodiernos, tão prometedores quando assustadores, o diálogo sincero, objectivo e aberto constitui uma condição básica para a mútua ajuda e compreensão dos povos. Actualmente, nenhuma sociedade nem povo algum, por mais nobre e rico que seja pode, sobretudo economicamente, sobreviver e realizar-se sem o auxílio das outras sociedades ou nações. Quem se basta a si próprio? Ninguém. É um facto, que

as economias de cada nação estão de tal modo ligadas ao conjunto económico universal que nenhuma pode viver sobre si. Tanto para acudir às más exigências, como para atender ao seu progresso normal, qualquer país depende um tanto quanto de outros.

Por outro lado, a História do Homem, especialmente a dos últimos cinquenta anos, mostra-nos que a guerra tornou-se humanamente impossível para resolver os conflitos nacionais ou internacionais. Portanto, temos de vincar bem a necessidade de fazer diálogo, mas um diálogo verdadeiro em que os dialogantes dão-se um ao outro como na realidade são. A falsidade, tentativa de comunicar apenas o que se deseja parecer ser, não faz verídico diálogo. Num mundo em que tanto se fala de solidariedade humana esta tem de possuir, por base, o diálogo e a cooperação mútua. Só assim, os homens poder-se-ão conhecer, exprimir e contactar.

Velho de Grimancinhos

Torre de Belém

(Fado)

Torre de Belém,
castelo do fado!
Não há torre alguma
que se ponha ao lado!

Torre de Belém,
Torre da saudade!
Já passou do tempo,
já não tem idade!

Torre de Belém,
de pedra velhinha,
Solar de princesa,
Trono de rainha!

Torre de Belém,
Castelo do fado!
Não há torre alguma
que se ponha ao lado!

António de Matos Reis

O Sentido da Perfeição do Homem

Todo o homem sente-se irresistivelmente inclinado, dia a dia, para um aperfeiçoamento ascensional não só de si, mas até do mundo que o rodeia. Quando fazemos qualquer «coisa», saia-se bem ou mal, procuramos sempre realizar essa «coisa» o melhor possível. Neste caso, podemos aplicar à técnica a chamada evolução indefinida. O que um homem faz hoje, dentro de algum tempo estará já mais acabado. É a experiência quotidiana que no-lo afirma.

Este desejo de perfeição é um facto natural no ser humano, e isto porque o homem, filosoficamente falando, não se realiza mediante si mesmo; nem se, pode definir mediante ele próprio, como se tivesse em si tudo o que é necessário para a sua realização. Só através das coisas criadas o homem pode realizar-se. Onde, aperfeiçoando-se, aperfeioou-a, de certo modo, as coisas criadas. Só Deus se define a si mesmo enquanto é acto Puro. Portanto, o homem realiza-se e procura completar-se na mundividência das coisas que lhe são exteriores. Se o mundo não pronunciasse os elementos pelos quais a Humanidade se realiza, esta não passaria dum quietismo que seria igual para todos os homens e todos os tempos.

Todos sabemos que o ser humano não apareceu no mundo num estado consumado. Por isso, deve procurar consumir-se o mais possível neste mundo sempre em direcção à vida eterna, onde terá a plena realização. Todo o sentido de perfeição do homem deve tender precisamente para o al-

gredir da ciência e da técnica, tudo isso vir-se-ia a realizar.

gredir da ciência e da técnica, tudo isso vir-se-ia a realizar.

gredir da ciência e da técnica, tudo isso vir-se-ia a realizar.

12 Badaladas...

Doze fundas badaladas
Sobre o dormir da aldeia...
Firmes, dolentes... bem compassadas
Baguearam sôzinhas... frias... cansadas
No gesto comprido de alguém que semeia...

Eram as tristes plangências
de um dia total finado
Sobre as terras do passado...
Toda a aldeia em sonolências
Não deu p'lo dia acabado...

Eu recolho-me com Deus
No azul recôndito de «nosso» místico ser
E passo um olhar pelos velhos troféus
do meu antigo tão pobre viver...

Dias mortos... Tempos vivos
Bem me lembro: assim pensava
Ao compulsar os arquivos
Desse dia que finava...

Vivos tempos semeados
Em terra fecunda e boa...
Tempos mortos atirados
Para a vida, assim, à toa!...

E só agora, enfim, eu compreendo
Por que o campanário lembra o gesto de semear
Quando à meia-noite, chorosa, gemendo
Faz ouvir nas trevas, o seu badalar.

Rosmano Queirós

As Danças Folclóricas e a Mocidade Portuguesa

Além das muitas actividades com que, nos grandes centros, a M. P. e M. P. F. valorizam os seus associados, uma há, nascida há pouco tempo, que muito nos agrada: as danças folclóricas. Mas, a analisar pelo que se tem feito, quando chegarão a Barcelos benefícios destes para a gente moça?

Em Barcelos, terra em que os grandes etnógrafos tanto falam, possui um dos mais belos e vernáculos repertórios de danças regionais. Por isso, aqui fica um apelo: para quando as danças folclóricas da M. P. em Barcelos?

M. L.

cance daquele Ser no qual encontrará a sua realização completa. Esse ser é Deus que lhe dará a felicidade eterna. Cada ser humano deve colaborar-se na sua própria realização, fazer-se o mais pleno possível a si mesmo, traçar o seu futuro definitivo. Mas qual deve ser o futuro do homem? A vida do homem é um «projecto para» e, precisando dos seres exteriores para se completar, valorizar existencialmente e até definir-se, segue-se que ele é um ser-para-os-outros e, em última análise, um ser-para-Deus. Portanto, todo o homem deve ser, durante a vida terrena e através desta ânsia de aperfeiçoamento e valorização, um ser-para-Deus e, se o não é, errou o verdadeiro e genuíno sentido do aperfeiçoamento.

Em esta linha de pensamento que Gabriel Marcel coloca o chamado existencialismo aberto; isto é, o Transcendente — Deus, deve ser o termo e explicação deste querer íntimo que o homem tem de valorizar-se e aperfeiçoar-se enquanto existe neste mundo.

Eurico Soares

O homem não se une a Deus senão quando se une a seus irmãos.
GRATRY

Ciclo de Iniciação Teatral

Felicitemos e concordamos em absoluto com a vossa ideia de criar Teatro em Barcelos.

O teatro, o bom teatro, é fonte de cultura; é um passatempo maravilhoso; é, neste momento, a única oportunidade de fazer camaradagem séria, e o lançamento de bases para actividades futuras. Estão de parabéns os impulsionadores do C. I. T. e só fazemos votos para que não desanimeis aos primeiros contratempos que não-de surgir. Desejamos que as entidades vos dêem todo o apoio moral e material.

Ides meter ombros a uma tarefa difícil, até porque começais por não ter local para as representações. O velho barracão que já foi teatro, — até esse, parece, — vos vai ser negado. — Alteram-se os planos urbanísticos por «dez reis de mel coado», caro colega, e tudo assim por diante... O Teatro Gil Vicente, de saudosa memória, diz-se que vai ter outro aproveitamento. Onde ireis representar se também o Círculo Católico, continua fechado?

Mas não desanimeis. Para a frente é que é o caminho! A terra, esta boa terra barcelense não vos negará carinho e compreensão. É um grupo de jovens que deseja fugir à rotina, ao comodismo e à estagnação, que se decide a trabalhar pela cultura e pela arte. Não-de ajudar-vos.

Mas se por fim, depois de tão árduas canseiras, não vos derem uma Casa de Espectáculos decente e digna duma Cidade que se preza, ide de terra em terra e dizei que Barcelos enlouqueceu. Que está louca, a bela Rainha do Cávado!

Ana Maria

Humorismo Infantil

— Senhora Professora, posso ir lá fora?

— Não! Espera um pouco Zêquinha. Logo que cheguem o Toné, o Necas e o Licas, tu vais lá fora!

Passados dez minutos chegam o Toné, o Necas e o Licas e foi então que a Senhora Professora disse:

— Zêquinha já podes ir lá fora!
— Muito obrigado Senhora Professora. Mas eu já fiz...